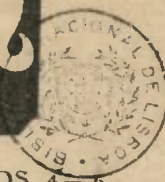


ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL



III SÉRIE

DEZEMBRO-MARÇO DE 1923

NÚMEROS 4-6



CARTA DA GUERRA

EDUARDO ROMERO

DO "LIVRO DOS CAVALEIROS"

A MULHER

(INÉDITO)

IV



O homem rasgou a terra e os mares, ergueu as muralhas e as fôrres, tentou negar Deus e encarcerar a Vida, imobilizando-a, empunhou a lança e o arado, a cifara e a avena, conquistou e exaltou-se, errou e perdeu-se muita vez. Do que a Vida pusera sem fim na aurora da sua vida, como uma promessa, um laço ligando-o à divindade criadora,—ê ele mal aproveitou, perverteu ou desbaratou os preciosos frutos.

No silêncio a mulher seguia outro caminho. A vida dilatou na sua alma, ao correr dos séculos, a própria essência da Vida, iluminando-a tãda, até os mais misteriosos limites da sua intimidade... E a Mulher foi comunhão, contacto, harmonia, ritmo cósmico... Uma flor abrindo no mistério e perfumando a terra inteira.

O homem dispersou a sua divindade em mil altares, secou em si as fontes puras da própria divindade... A mulher ergueu e serviu cada vez melhor o íntimo, único altar prodigioso do seu Amor.

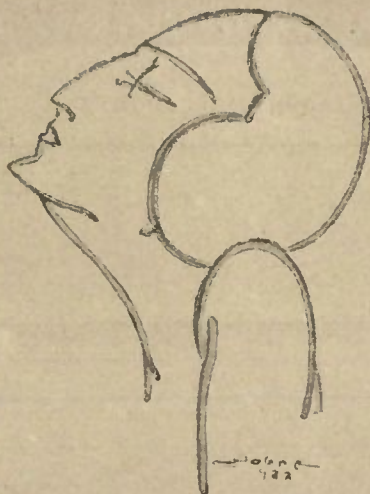
O homem seguiu caminhos errados. As miragens, no deserto de seus egoísmos, os ecos das montanhas, as sereias do mar, os ventos vários, dispersaram-no ao sabor de forças inferiores. Nas voltas dos caminhos ficava, muitas vezes, abandonada, em lágrimas, a sua alma...

A mulher, no silêncio, desconhecida, foi o Amor atento, activo, subindo a longa encosta, o Calvário igual... Enxugando com os seus cabelos os pés dos Profetas, assistindo em choro à morte serena, clamando na sua fé a ressurreição e a imortalidade dos Heróis.

Na alma da mulher está, inteira e pura, desdobrada até às suas infinitas possibilidades, transformada em sangue inefável de maternidade, piedade, ternura, a força que alimenta os mundos e governa as estrelas.

Os divinos germes esquecidos na alma do homem, instinto, consciência de Deus, poder de criação, emergindo como cimos dominando a névoa sobre o tumulto dos longos combates, alumando com seu esplendor a caravana,—germinaram em íntima, limitada, aconchegada atmosfera, na Mulher.

O seu poder reduziu-se, nela, em suas manifestações visíveis, mas cresceu em íntimo heroísmo, inte-



rriorizou-se, purificou-se, ganhou mais amplo contacto com a alma do Universo.

O homem prodigalizou conquistas e desbaratou triunfos, através do sangue, dos embates sombrios... Mas na carreira ofegante, na tensão impetuosa do seu esforço, viveu a vida em superfície, perdeu contacto com a sua existência eterna.

A mulher, no silêncio e no sombra, seguiu um caminho diverso. Ainda seus lábios eram mudos, o seu gesto de escrava, e já seus olhos flo-riam luz divina de estrelas.

O seu espírito não acompanhou a carreira utilitária, dispersiva do homem. Porque a mulher é mais que inteligência,—Amor. Não perdeu divindade, foi, conservou-se puramente instinto. Não teve, não conheceu as palavras que transmudam, ocultam, ignoram, atraíam sentimentos eternos.

Teve os gestos, as atitudes, os silêncios escravos. Obedecia à Vida, seguia seu ritmo inefável... Os gestos, as atitudes e os silêncios, amáveis e maternos, que por serem de infinita dádiva e sacrifício, participam divina e puramente de Deus.

A mais humana e universal atitude, a mais criadora, a de mais pura obediência e liberdade, no herói que luta, no poeta que canta, no Homem que semeia, é feminina, materna...

As grandes almas querem o conchêgo e a inspiração, o embalo e a ternura de uma presença feminina.

O que na Mulher nos atrai, é o seu mistério. Vamos para ela porque nos tenta, nela, a Vida que ela é, a Beleza que nela se guarda como um fogo sagrado... Vamos... todos os homens... Uns sabendo... Outros obedecendo a intimações profundas e sem mais saber...

Diante de nós, silenciosa e esfingica, levando em si auroras, anofecida, vilipendiada pela nossa rudeza, pelo nosso egoísmo, pelos nossos crimes, modelada na sua vida epidérmica ao sabor dos nossos apetites e das nossas baixezas, nossa presa, ou pobre tirana escrava, ignorada e ignorando-se, rainha e deusa, na aparência renegando ou não suspeitando sua divina realza,—esquécida, esquecida, a Mulher espera...

Os seus defeitos são os nossos crimes. A sua sombra, projectamo-la nós.

Quem um dia descobriu a sua Bem-Amada e viveu o Amor, obedecendo à sua tirania, ultrapassando o mundo quotidiano, penetrando os umbrais da eternidade que somos, encontrou Deus, libertou-se. Alargou o Mundo, compreendeu emfim...

(Des. do R. NOBRE).

AUGUSTO CASIMIRO.

CRÔNICA POLÍTICA E SOCIAL

PELO PROF.

DR. GONÇALO SANTA RITA

O "APÊLO À NAÇÃO"

ANTES de mais nada, comecemos por prestar a nossa homenagem franca e calorosa aos homens que elaboraram (distinguir dos que *assinaram*) o **Apêlo à Nação** e que a merecem tanto pelas altas qualidades de estudo e de talento, sobejamente reveladas na *Conservação da Riqueza Nacional*, nos *Ensaio*s, na *Crise Financeira* e na *Escola Nova*, como pela fé e pela coragem com que a revelam num meio de indiferença e cinismo, terra de videirismo em que cada um albarda a vidinha e para dentro — quando não para fora — se ri de quem lhe fala nas nesgas de ideal que azulejam para além das frestas da estrebaria, acima da mangedoura que seus olhos indesviavelmente contemplam.

Dois aspectos há a considerar no **Apêlo**: o aspecto doutrinário e o aspecto prático; isto é, saber se as soluções apresentadas são as melhores e qual a forma de as pôr em execução.

Falta-nos a competência, como nos faltaria o papel e o tempo, para entrar na discussão de todos os capítulos do *Programa Governativo*. Aceitemos, porém, que os homens de talento e saber que o elaboraram apresentam para todos os problemas as melhores soluções — e algumas delas são por todos preconizadas e desejadas pela maioria das pessoas que nêles pensam — e vejamos se deste **Apêlo à Nação** sairão as realizações imediatas que os seus autores desejariam, e nós com eles.

Infelizmente, nem o nosso aprêço pelos seus autores, nem a nossa esperança de dias melhores para a nossa terra, nem os bons desejos que teríamos de que tal sucedesse nos permitem acreditá-lo. O **Apêlo à Nação** parece-nos, já hoje, a oito dias de lançado, uma pedra que caiu num lago, mas pedra muito pequenina, que apenas levisssimamente encrespa a superfície das águas em ondas que morrem antes de chegarem à margem.

Em primeiro lugar, quem lança o **Apêlo**? Em segundo lugar, a quem é ele dirigido? Lançam o **Apêlo** alguns homens de merecimento, a que já prestámos homenagem, e acompanham-nos mais alguns de igual merecimento, alguns desconhecidos (o que é uma virtude, que mais vale ser desconhecido que mal conhecido) e outros que talvez nenhuma autoridade tenham para se dirigirem à nação, a bradar-lhe que se salve, porque da

fraqueza dela se aproveitaram para contribuírem alguma coisa para a perder.

¿Nenhuma das pessoas que assinam o **Apêlo** terá aceitado lugares públicos no bodo que tem sido apresentado, por outros dos firmantes, como uma das causas da ruína? Pois se até o assina um dos cúmplices da publicação do famoso *Diário do Governo* dos trinta suplementos, cujos autores, em qualquer país do mundo em que uma tão geral reprovação lhes caísse em cima *nunca mais* seriam politicamente nada!

Fixemos este ponto que nos ha-de servir depois e acreditemos no arrependimento das Madalenas...

¿A quem é dirigido o **Apêlo**? — Nação! ¿Mas o que entendem por Nação? ¿É o Povo, este desgraçado e bondoso povo, «bestinha mole e acéfala», como dizia o Fialho? Mas o povo não entende os planos financeiros do sr. Quirino de Jesus, nem as reformas pedagógicas do sr. Faria de Vasconcelos. Julgo que nunca os poderá entender, e ainda bem. Mas ainda que os homens que soltam o **Apêlo** julguem que isso é possível e é útil, decerto não o acreditam possível tão de pressa. Portanto, não é ao povo, ao trabalhador, ao operário ou mesmo ao caixeiro que eles se dirigem, a-pesar-de assinarem o **Apêlo**, não direi caixeiros, porque já não há disso, mas alguns *empregados no comércio*; não, eles dirigem-se incontestavelmente às *élites*.

Notemos que a amplitude da vibração do **Apêlo** fica já assim notavelmente reduzida, e vai dirigirse precisamente àqueles que o tornaram necessário e não estarão dispostos a ouvi-lo: apela «para a vontade reflectida da Nação, para o patriotismo dos seus representantes e para a boa reflexão das classes possuidoras», mas vontade reflectida da Nação (supondo que alguma nação possa ter vontade reflectida no lugar de aspiração inconsciente, *sentimentos* fortes das suas necessidades a que só as *élites* dão consciência) não existe, já o teem dito alguns deles — e bem — e «a salvação da Grei tem de ser feita contra a Grei», afirma o sr. Izequiel de Campos. Os representantes da Nação são todos indubitáveis e exímios patriotas, ¿mas cabe na cabeça de alguém que as clientelas políticas se resolvam a retirar-se da scena como vida e abnegadamente?

¿A boa reflexão das classes possuidoras! Mas

não tem o sr. Quirino de Jesus escrito tantas vezes — e com razão — que a elas se deve a galopada para o abismo? Exige-se-lhes agora que reflitam? A reflexão consistiria em pôem-se ao fresco com os seus milhões, deixando-nos a arder na fogueira para que toem deitado algumas achas, de resto muito desculpavelmente, visto que se a organização social em que vivemos conduz a esses resultados a culpa não é dos que se encontram dentro dela e que, muito humana- e desculpavelmente, repetimos, procuram tirar das circunstâncias o máximo de vantagens de ordem material — e até espiritual, que uma coisa segue a outra — que possam obter.

Em uma conferência notável que o sr. António Sérgio realizou, e que conheço pelo extracto do jornal *O Mundo*, declarou o conferente — que eu chamaria ilustre, e por muitos títulos, se os adjectivos não andassem tão depreciados como o escudo — que o grupo do **Apêlo** procura agitar ideias e que a Nação encarregue quem quizer de as adoptar e pôr em prática, e cita como exemplo a ditadura pombalina, executora das ideias dos D. Luís da Cunha, Alexandre de Gusmão, Ribeiro Sanches e outros. Cita muito acertada, dado que Pombal passa pelo Júpiter de cuja cabeça saíra a Minerva das reformas de que foi executor apenas regular, mas que não tem aqui aplicação. Nesse tempo o rei chamou Pombal, agora, diz A. Sérgio, é a Nação que compete chamar quem a salve; e a nação somos nós; nós: ou escrevente, tu leitor, éle Sérgio. Ora de que meios dispomos nós, nação, para chamarmos Sérgio ou quem execute o programa de Sérgio? De quantos votos dispões tu? Quantos clientes anichamos? Que interesses podemos servir? Criar a opinião pública? Suponhamos que isso é óptimo; mas para isso é preciso, pelo menos, um café na Baixa e um jornal na Alta. Porque o que se vai opor à regeneração do programa do **Apêlo** são interesses que se não demovem com apelos patrióticos.

Concluindo, «que esta vai longa», ou estamos em face de um programa de governo, e não teem os homens do **Apêlo** meio de o fazer vingar, que os partidos não lho aceitam, ou estamos em face de uma longa propaganda de ideias, propaganda eficaz de boas ideias, mas diferente da *urgência extrema*, que encabeça o programa, e das possibilidades de um ministério nacional, que éle preconiza. Pode ser que um tal ministério venha a constituir-se, pode ser que os partidos abatam as taboetas — perdão, as bandeiras — diante dos clamores de todos nós, pode ser que as classes possuidoras transijam, pode ser que todos nós grite-

mos tanto que isso aconteça, mas todos os deuses e santos nos preservem de tal fatalidade, porque isso só poderá succeder no dia em que sobre nós cair uma tamanha catástrofe que a competência e o patriotismo dos mais notáveis dos signatários do **Apêlo** os obrigue a traçar um novo e mais duro programa de salvação pública.

A categoria desses devíamos ostas francas palavras, não de discordância quanto ao fim, mas de descrença quanto ao meio. Infinitamente abaixo deles nas qualidades intellectuais, igualamo-los no desejo de regeneração e na firme convicção de melhores dias. Cremos que muitas das suas ideias terão de ser aproveitadas — e o serão brevemente algumas, bom é que as espalhem —, mas a falência de todos os pretensos movimentos de opinião (Liga de Educação Nacional, Pela Grei, Cruzada Nun'Álvares, etc.) e o resultado desastroso de experiências políticas, como o franquismo e o sidonismo, deram-nos a convicção de que não é possível arrasar as ruínas de defeitos para construir palácios de virtudes, nem os diabos fogem espavoridos ou ajoelham contritos, nem voluntariamente Saulo, sem cair por terra, deseja ser Paulo.

O programa do **Apêlo** resume-se nisto: Para que Portugal se salve é precisa uma revolução, — porque é uma revolução que éles preconizam. Ora, a verdadeira revolução, a revolução construtora, que éles pretendem, e não a destruidora, nem a fazem os canhões, nem mesmo a conseguem as exigências pacíficas dos cidadãos para que se conclama, porque, ainda que éles respondessem, sempre aos dirigentes dela faltariam os executantes, e por aí falharia, verdade que a falta de espaço nos não deixa demonstrar. A verdadeira revolução, tem de ser mais demorada e para lá tem de se ir por outro e mais longo caminho, — que estes, pôsto que pareçam direitos, também lá não conduzem. Temos de o reconhecer:

Fôrça é, pois, ir buscar outro caminho.
Lançar o arco de outra nova ponte...

Para isso teem contribuído, e hão-de continuar a contribuir, Ezequiel de Campos, António Sérgio, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, não pela sua acção rápida mas pela sua acção lenta de transmissores de ideias e de directores espirituais dos que, pouco-a-pouco, terão de a ir realizando.

Março, 1923.

J. GONÇALO SANTA RITA.

: : : : NO PRÓXIMO NÚMERO : : : :
 “DÊ-SE CONSCIÊNCIA À NAÇÃO”
 : : “O PROBLEMA MÁXIMO” : :
 : POR :
 : : : : A. REIS MACHADO : : : :

SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA

DA

Crise portuguesa

A CONTRIBUIÇÃO DO ALGARVE

POR J. FERREIRA NETO

Dos países vitoriosos da guerra é Portugal o que tem sofrido mais, e não é porque, geograficamente ao lado da Espanha, não tendo propriamente a guerra em casa, se não pudesse enriquecer, como ela, mas simplesmente porque tem querido brincar às revoluções. De um gráfico publicado pelo Banco de Portugal se vê quanto estas influem na depreciação da nossa moeda, depreciação que tem também outras causas. Uma delas é, principalmente, ter-se querido inverter, ao sabor da ocasião, as leis económicas, com artificios.

Com a lei do inquilinato as casas faltam e atingiram preços que nunca teriam sem ela. Imagine-se o que seriam hoje as nossas cidades sem essas leis draconianas contra a propriedade! Quanto se não teria construído de habitações de toda a ordem, para todas as bolsas, estabelecendo-se a concorrência e sendo os senhores que haviam de tratar de atrair os inquilinos, para não ficarem com os seus prédios desocupados!

Na propriedade rústica, com o imposto exagerado que se vai pagar, entregue ao Estado o dinheiro que havia de auxiliar a produção, como não há-de esta diminuir?

A cada aumento de impostos dá-se uma baixa notável no câmbio. Todavia, não foi nesse sentido que foram lançados. Sempre se disse que era necessário um esforço do país para salvar a situação e melhorar os câmbios. A que profundidades insondáveis não iria o câmbio com um empréstimo forçado? Isto serve para dizer que a confiança não se impõe e que só a diminuição das importações, o aumento das exportações e outras manifestações de segurança produziram o resultado que se deseja.

Procurasse-se toda a facilidade à exportação, sem nenhuma peia, sem nenhuma alcavala, e só o Algarve daria o dôbro do que dá, aproveitando todas as ofertas, todas as ocasiões. E nenhum receio devia haver de que o dinheiro ficasse no estrangeiro; tomara o negociante mais dinheiro para repetir as suas operações de compra e venda no estrangeiro. A circulação fiduciária, se o câmbio desce, tem de acompanhar a descida também, de outro modo falta numerário para as transacções. Se todos gastam 20 vezes mais, precisa-se 20 vezes mais dinheiro. As despesas é que é necessário reduzir; não podendo ser logo, num futuro próximo. De outro modo é círculo vicioso, que não tem fim.

Toda a manifestação de ordem dá uma melhoria de câmbio. As melhorias fictícias, as fixações de câmbio, não dão resultado.

O Algarve, por exemplo, devia lucrar muito com a baixa cambial. Pois não é assim; os frutos estão, pelo contrário, depreciados e com o preço de $\frac{1}{3}$ do que estiveram em 1921, com o câmbio a 7. A Itália está concorrendo com a amêndoa da Sicília a um câmbio 5 vezes mais elevado.

Como o Algarve é uma região de exportação por excelência, é mais desta província que ora se deve cuidar. Assim, o melhoramento dos seus portos é indispensável.

Em Faro, o porto está feito; existe um rio da largura do Reno, na baixa-mar, que tem fundos para estar à vontade qualquer navio, mas que não se aproveita por uma ninharia que se gaste no profundamento da barra. Há tempo o distintíssimo engenheiro, já falecido, Henrique Moreira, fez um estudo da barra de Faro e de um canal de aproximação da cidade, que é uma revelação. Transposta a barra com um desatêrro de 80:000 metros cúbicos, os navios podem vir até ao sítio denominado Volta Vagarosa, distante da terra 700 metros, sem mais trabalho nenhum. É aí que, segundo as mais autorizadas opiniões, se deve fazer mais tarde um cais acostável. A meu pedido veio trabalhar para o porto a draga *Aurora* e estava já profundando a barra, tendo tirado $\frac{1}{5}$ das areias a extrair, quando um ministro das Obras Públicas a mandou levantar daqui para o Porto.

A draga foi a Lisboa e ali vistorizada e dada por incapaz! Mas fez um real serviço à entrada do canal de Olhão. Se continua aqui mais dois meses estava o trabalho feito.

O que se pretende é que a abertura da barra seja feita sem ónus para a navegação, para que os navios que aqui venham não continuem a exigir os fretes actuais, que são muito elevados.

Telefones e estradas

Em presença de um movimento telegráfico superior ao de todos os distritos, excluindo Lisboa e Porto; de quasi o dôbro de Braga, Coimbra e Leiria; tendo o dôbro de 9 distritos e 4 e 5 vezes mais movimento do que outros, é duma vantagem inapreciável a comunicação telefónica, sobretudo entre Faro e Olhão, duas povoações que excedem muito no movimento telegráfico as outras do Algarve, muito convindo que isso se faça já.

Foram esses dois pedidos, da abertura da barra e do estabelecimento do telefone entre Faro e Olhão, que a Comissão de Melhoramentos foi pedir ao Governo, voltando satisfetíssima com os promettimentos feitos e com a maneira distinta como foi recebida.

Também a Comissão pediu o concerto das estradas, que no Algarve estão absolutamente intransitáveis, mas esses trabalhos tem de ser feitos aqui e no resto do país.

Os caminhos de ferro

Enquanto se não conclue a ligação por Alcácer-do-Sal, mantendo-se todavia o comboio que por ali vem, havia um meio de se apressar as viagens por Beja. Era estabelecer um comboio rápido entre Lisboa e Beja e um comboio apressado entre Beja e Faro. O movimento aumenta sempre, a pesar das tarifas mais elevadas, não se compadecendo o desenvolvimento da provincia com a supressão de comboios. Nada, porém, disto se faz e aí estamos com um só comboio para passageiros! Peor do que estávamos há 30 anos!

O Algarve devia ser um grande fornecedor de primores para Lisboa, de frutos de toda a classe e de legumes.

Há anos que em Albufeira se tem iniciado, com bom resultado, a cultura de ervilhas, exportando-se muitas dezenas de contos, mas as tarifas actuais do caminho de ferro e outras mais elevadas que se esperam, vão proibir este fornecimento à capital. Assim, Lisboa podia ter figos, uvas e outras frutas muito antes de as obter de outros pontos do país. As nêspersas, que veem numa época do ano em que não há outros frutos e de que se podiam exportar grandes quantidades, já o ano passado saíram em pequena quantidade, e com o aumento de tarifas fica proibida a sua exportação. O Algarve não perde muito com isso, porque essas árvores podem ser substituídas por outras, sendo Lisboa quem mais vem a perder. Os governos que desejam proporcionar a Lisboa vida barata, não sei como não reparam nestas cousas, pois com um transporte rápido e moderado para frutos podem conseguir abundância deles em Lisboa, onde mais desejam ser agradáveis.

Há em França as tarifas chamadas de penetração, pelas quais, dos portos de Dunkerque, Rouen, Havre, etc., seja qual for a distância, o pagamento é o mesmo para Paris. Assim os nossos figos pagam 2 francos por 100 quilos por caminho de ferro e 2 francos por tonelada por canais, de qualquer daqueles portos para Paris.

A fim de abastecer Lisboa, nos caminhos de ferro do Estado podia-se, a partir de uma determinada distância, para frutos, aplicar uma mesma tarifa, para colocar os produtores em igualdade, como se faz para os portos em França. Se o Estado só dificultar a produção, como há-de ela aumentar?

Clima, arborização, água

O clima do Algarve está perdido, se pode assim dizer. Devo ter concorrido para esse resultado o abuso a que tem dado lugar a falta de combustível, abatendo-se grande quantidade das maiores árvores, pinheiros, azinheiras e alfarrobeiras, que não se procura substituir. No ano transacto andou por 100 m/m toda a água caída de Março a Dezembro. Como há plantas que resistem a estiagens assim prolongadas é que é para admirar!

É necessário cobrir a scrra de arvoredo, mesmo para desaparecer essa mancha de quasi $\frac{3}{5}$ da superficie do Algarve, que pouco ou nada produz.

O Governo tem à sua disposição quasi 500 hectares que a Câmara de Tavira cede para serem arborizados. Eis um exemplo que seria seguido, protegendo-se por largo período essas sementeiras ou plantações, a fim de que se possam fazer.

São capitalizações que só ao cabo de 30 anos dão resultado, e é, portanto, preciso que o agricultor seja animado. Mas é indispensável acabar com as penalidades por falta de cultura, porque não há ninguém mais interessado do que o proprietário em que os seus terrenos sejam cultivados. Se o Estado toma posse das terras, temos outros T. M. E., ao qual não valem os decretos como o 7:933 sobre incultos, que se não cumprem, por pouco adaptáveis ao meio e violentos em muitos dos seus artigos. Não é com multas que se consegue esse enorme trabalho de desbravar a terra virgem e reduzi-la à cultura. Deve-se estudar a maneira de trazer o agricultor contente, pois é dele que depende a alimentação do país. Só em Portugal, depois da guerra, tem diminuído a cultura do trigo. Há muita terra por cultivar, é certo, mas é de notar que essa terra é a peor, cujo rendimento não se pode comparar em unidade de superficie às terras já cultivadas, e que as despesas com o pessoal e qualquer sistema de tracção são enormes.

Muito para louvar é um trabalho de arroteamento em larga escala que o Sr. Júdice Fialho está fazendo nos morgados de Reguengo e Aires, perto de Portimão, para cultura de trigo, esse cereal que tanto falta no Algarve. Também aquele grande industrial e agricultor vai fazer grandes plantações de árvores, que muito servirão de exemplo a seguir onde os agricultores se arrequeiam de consagrar avultados capitais à cultura da terra e sobretudo a grande praso.

Nalguns pontos do Algarve encontra-se água no subsolo, que é extraída por noras.

Os engenhos de ferro que por aqui se fazem, não obstante serem volumosos, dão um bom rendimento, porque aproveitam 94 ou 95 % do trabalho empregado. Poucas máquinas dão um tal resultado. As bombas centrífugas rendem 50 %.

De algum tempo para cá estão-se empregando aeromotores, que tocam directamente a roda de alcatruzes, com bom resultado. Mas a água do subsolo vai acabando, com as poucas chuvas e a abertura de novos poços.

Muito conveniente seria, pois, saber-se se as camadas mais profundas tem água e em que sítios. Era então um excelente incentivo, para intensificação da cultura algarvia, que o Governo mandasse abrir em diferentes pontos alguns poços artesianos, pois assim já os agricultores não recuariam perante os gastos precisos para procurarem a água por esse meio. Com os salários caríssimos como estão, não são empresas a que qualquer se abalance de ânimo leve e sem saber se na região há água artesiana.

Uma das razões por que os franceses tem sido bem recebidos na Argélia e Casa Branca, é porque tem sabido procurar água artesiana em diferentes pontos de África, levando assim o bem estar e a riqueza àquelas regiões.

Pescas

A pesca no Algarve está intensificada o mais possível e não é verdade que os espanhóis tenham melhor material, senão na pesca de arrasto, que nós não queremos ter.

Muito é para louvar o Sr. ministro da Marinha por ter aumentado as multas aos barcos espanhóis em contravenção dos regulamentos. Já a perseguição ao nosso peixe não é como era e nesse caminho está a solução de um problema que parecia insolúvel; e hoje que se apregoa a utilidade de um entendimento com a Espanha, é elle muito possível desde que os espanhóis respeitem as nossas águas territoriais.

J. FERREIRA NETO.

CURIOSIDADES ETNOGRÁFICAS



Pelo DR. ARTUR LAMAS

Com ilustrações de J. Saavedra Machado

Não há dúvida de que o apitar e o assobiar são os maiores prazeres do género humano: há quem aprecie mais executar qualquer destas duas acções do que comer ou beber, e há muita gente que trocaria de boa vontade o dom da fala, ou o do ouvido, por aqueles não menos agradáveis (para os outros, mas detestáveis para mim) mimos da Natureza.



A sociedade é, portanto, cruel por considerar o assobio uma manifestação de falta de educação; mas, felizmente, assim é, pois que, caso contrário, teríamos que tapar os ouvidos com algodão.

O apito e o assobio são universalmente usados e apreciados; mas creio que há povos que tem por eles especial predilecção. Lembro-me que uma bela manhã, por sinal pouco nevoenta, estando em Londres, fui ver a célebre Abadia de Westminster. Achando-me no claustro e querendo passar para o interior do Templo, perguntei a um polícia, que ali estava de serviço, qual o caminho que tinha de seguir. Tendo-me ele indicado determinada porta, segui o meu caminho; mas enganei-me e fui direito a outra. Quando já estava um pouco distante do meu amável informador, ouvi-o assobiar da mesma forma que se usa para se chamarem cães. A princípio não fiz reparo de maior; mas

depois, como não via ali nenhum cão, entendi... que era comigo!

Parei, deixei o homemzinho aproximar-se de mim, e ele, de mãos nas algibeiras das calças, assobiando sempre, mas então uma modinha qualquer, guiou-me para a tal porta que me tinha indicado, por onde entrei para o Templo.

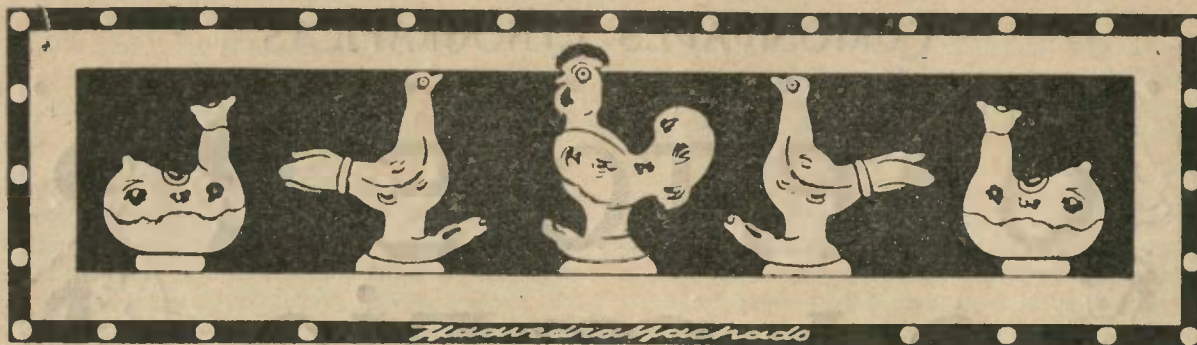
Não é, porém, preciso ir ao estrangeiro buscar provas do amor do povo pelo assobio e pelo apito, temo-las cá de sobejo.

Assim: o que fazem os camponeses que alta noite vão pela estrada fora, quer faça frio ou calor, luar, chuva ou vento? Asso-biam; uns, por medo, outros, para se distraírem, e ainda outros, para terem companhia.

E' interessantíssimo observar o começo de um incêndio, ou de uma desordem, em Lisboa. Fica-se pasmado com a quantidade de apitos que surgem de todos os lados, como por encanto! Conserveiros graves, com seus chapéus altos, serenos e impávidos, polícias, garotos, mulheres gordas e magras, bonitas e feias, crianças, caixeiros... todos apitam ao mesmo tempo, desenfreadamente, correndo uns, parados outros, até que, dentro em pouco, está o local inundado de polícias, se se



Apito de barro: «O jesuita»



Apitos populares de barro: Galinha, pomba e galo

trata de desordem, ou de bombas, se se trata de incêndio.

Neste último caso continua ainda o apito a ser empregado na direcção das manobras dos bombeiros.

Apito, diz Rafael Bluteau, é uma espécie de *assovio*, com que o mestre nos navios e o *comitre* nas galés se dão a entender aos marinheiros e forçados, e cita, em seguida, estes versos do Poeta:

Mas neste passo assim prontos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os marinheiros duma e doutra banda.

(*Lusiadas*: VI 70).

O mesmo Bluteau, s. v. *assovio*, diz que certos vândios, tunantes, etc. se chamavam *maganos de assobio*, porque se entendiam uns com os outros por meio de assobios, e cita certo poeta que, falando dos olhos da sua dama, diz:

Maganaços de Assobio,
Quanto conquistam travessos,
Sem fazer caso da caça
Fica por esses outeiros.

Os garotos das ruas, os rapazes das escolas, e as máscaras que dançam em grupos pelas

ruas durante o Entrudo, também se entendem entre si por meio de apitos e de assobios.

O *Anão dos assobios*, homem grosso, baixíssimo, que por volta de 1830 tinha mais de 40 anos, tornou-se célebre porque metendo os dedos na bôca conseguia tirar assobios agudíssimos.

O seu esqueleto ficou num musen (Tinop: *Lisboa doutros tempos*, I, 315) ⁽¹⁾, e Castilho publicou-lhe o retrato (*Lisboa Antiga*, 2.^a ed., v, p. 303).

Já ouvi assobiar longos trechos de ópera, com acompanhamento de piano, num hotel da Província.

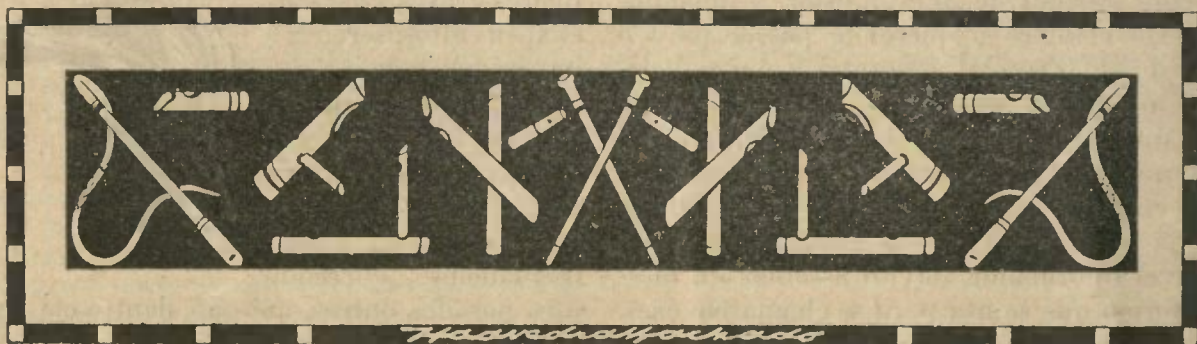
O assobio serve para se chamar ou despedir alguém, para avisar a namorada, e por meio dele

consegue o homem fazer-se compreender por certos animais, como, por exemplo, os cães, os pintassilgos, os canários, os papagaios, etc. Aos apitos dos polícias, que produzem um som tremulado em virtude de uma bôli-



Apito de barro: Mulher da Beira, e apitos de faiança das Caldas: «Grilos»

⁽¹⁾ Fala-se nele, e em assobios, no *Punhal dos Corcundas* (1823), n.º 45, p. 179.



Apitos de cana



Apitos de ôsso, marfim e madeira

nhã que teem dentro, chama o povo *rouxinóis*. E aí daquele que se veja perseguido por um *rouxinol* dêsses!

Dado de certa forma, o assobio é um insulto:

Ouçã duros assobios
Precusores de alto insulto.

TOLENTINO: *Os Amantes*.

Que importa que os çapateiros
Dêem assobio insultante,
Se os negócios vão marchando
Com passadas de gigante?

TOLENTINO.

Como manifestação de desagrado teem o apito e o assobio extraordinário poder: actor assobiado é artista perdido.

Quando alguém tem a sua casa invadida pelo fogo ou pelos gatunos, não grita nem se afflige: apita, e logo lhe apparecem os socorros.

Quando os polícias querem prender gatunos que fogem, não basta que corram atrás deles: teem que apitar também para conseguirem os seus fins. Succede, porém, muitas vezes, que os fugitivos conseguem alcançar grandes dianteiras a quem lhes vai no encalço, e nesse caso, os espectadores acon-

selham, como último recurso, *que se lhes assobie às botas*.

Nenhum estadista consegue celebrar-se sem ter a sua effigie reproduzida num *apito de barro*.

As primeiras manifestações artísticas das crianças revelam-se, quasi sempre, com a execução de apitos feitos com caroços de frutos ou sementes de plantas, como, por exemplo, a papoula. Menino que faça um apito, torna-se, com a idade, um artista eminente.

Para o povo nada é verdadeiramente bom sem ser *de assobio e três estalos*, mas é péssimo aquilo que fôr simplesmente *de três assobios*. Fulano é um *maroto de três assobios*!

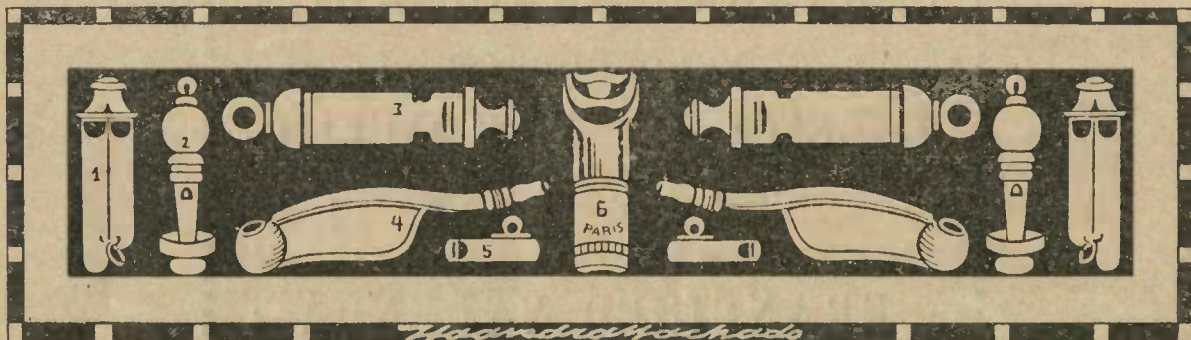
Uma vez, há anos, appareceram em Lisboa uns

apitos de sereia. Foi tal a aceitação que tiveram e tão grande o entusiasmo popular por elles, que o seu uso foi prohibido.

Antigamente, as vésperas dos três dias dos santos de Junho, eram festejadas, em Lisboa, com fogueiras, descantes e fogo de vistas; hoje quasi que se não faz outra coisa



Incêndio!



Apitos de metal: 1—Apito de condutor de eléctricos; 2—Apito de porta-voz; 3—Apito de foot-boll;
4—Apito do ferro-viário; 5—Apito de chuinho; 6—Apito de sereia

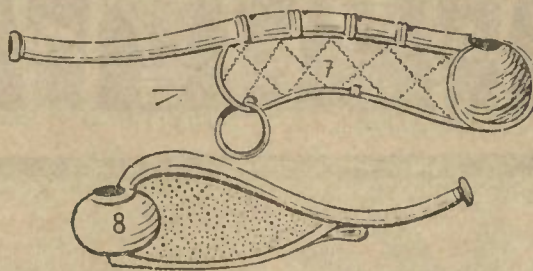
durante essas três noites, pelas ruas da Capital, senão... apitar!

Quando se inauguraram as obras do pôrto de Lisboa, em 1887, os vapores todos que se achavam no Tejo apitaram desalmadamente no momento em que El-Rei D. Luís despejou no Tejo um saeo de pedras. O povo ficou entusiasmadíssimo com essa forma de manifestar regosijo.

Lembro-me também de um outro acontecimento que caiu na graça do povo, e que vou contar para acabar: quando se celebrou o VII centenário de Santo António, em 1895, parece que por se ter reconhecido à última hora que os festejos eram poucos, resolveu o falecido Conde de Burnay, que os dirigia, fazer um arraial na alameda da Junqueira, com fogo de vistas no areal que lhe fica junto. O povo estava indiferente às iluminações e às músicas, talvez até maçado. De repente, porém, vê-se partir do alto do mirante da casa do promotor da festa, em direcção ao areal, guiado por um arame, um foguete de assobio, para dar sinal

para começar o fogo de vistas, continuando depois a subir ao ar várias girândolas de semelhantes peças pirotécnicas. Não se calcula o entusiasmo e a admiração que tais peças produziram nos lisboetas, que até então as desconheciam, e que para elas olhavam boquiabertos. O bom êxito do centenário ficou assim garantido.

O assobio é sinónimo de valor mínimo, insignificante:



7 — Apito de bordo; 8 — Apito de bombeiro

Onde os seus verdes loireiros
Perdem o viçoso brio;
E o mais bem feito soneto
Tem por paga um assobio.

TOLENTINO.

Por isso o povo diz a respeito de certas coisas que para nada prestam: *não valem um assobio*; o mesmo devia o leitor dizer destas mal alinhavadas linhas, se elas não tivessem por fim servir de pretexto para Saavedra Machado mostrar, mais uma vez, o seu alto valor artístico.

Junqueira, 1919.

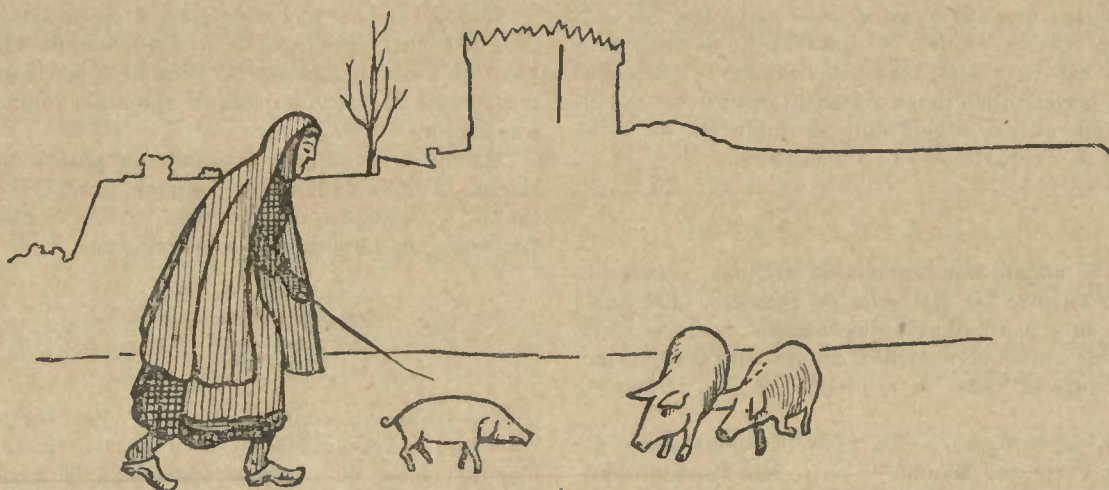
ARTHUR LAMAS.



Uma bela com olhos maganaços,
de assobio...

: NO PROXIMO NÚMERO :
: ETNOGRAFIA ARTÍSTICA :
: : : : : ESTUDO SOBRE : : : : :
: : BARBAS NACIONAIS : :
: : : : : PELO DOUTOR : : : : :
J. LEITE DE VASCONCELOS
: : : : : COM ILUSTRAÇÕES : : : : :
: : : : : DE : : : : :
: FRANCISCO VALENÇA :

A MULHER PORTUGUESA



II

A mulher de Trás-os-Montes

por LUÍS CHAVES

(Ilustrações do autor e de J. da Rocha Vieira)

*O' Vila Real alegre,
Provincia de Trás-os-Montes,
O dia em que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes.
Cantares trasmontanos.*

*Para cá do Marão, — governam os que cá estão.
Anexim de Trás-os-Montes.*



Sou trasmontano e com muita honra. E' das montanhas que mais cedo sobem as mãos a Deus. Lá das alturas se vê Portugal, o Portugal que das alturas desceu. Sentimo-nos lá mais perto de Deus e de Portugal. Tem-se Portugal no coração.

Dos penhascos vêm-se os homens muito pequenos, miúditos, lá em baixo; detrás das serras bradaram os antepassados: *para cá do Marão governam os que cá estão*. Os reis das montanhas, os pastores do alto, legaram-nos esta legenda, que, na sua convencional mentira de hoje, é uma tradicional verdade, hirta em padrão de altivez antiga. E, à volta de ela, mais do que qualquer outra, por certo unicamente sob o império do seu talisman, os Trasmontanos são capazes de abandonar facções e esquecer a comesinha retaliação da politica doméstica.

A altivez da frase rotunda reflecte o carácter da população, e certo não se encontrará por aí mulher mais altiva e mais senhora de si do que a trasmontana. Honra lhe seja!

* * *

Terra difficil. Pedras em escalões de Titans a tentar o céu. Serras nuas, como virgens a clamar em penitência as blandícias de Deus inclemente. Serras louças, vestidas de urzes, que são em flor um jardim encantado; misturam-se nelas os fetos, o tojo, as margaças, na sombra dos soutos e na aspereza das carvalheiras. Relvedo nas almargens, verduras hortícolas nas belgas lavradias, castanheiros nas devesas a trepar as encostas, coroadas de capelo e borla pelos pinhais maciços.

Rios, ora mansos nos vales de égloga das *Saúdades*, ora brutais entre os penedos rugosos, hirtos como impassíveis granadeiros da guarda, pelos quais a corrente se aperta em loucuras dolorosas de espartilhos...

E' Trás-os-Montes. Trás-os-Montes de capelinhas brancas, que são faróis vigilantes, a alvejar nos cabeços; de cruzeiros à beira dos caminhos; de moinhos e açudes à margem dos rios, entre negrilhos e amieiros. Fé, trabalho.

A mulher vive aí como num palco sôbre Portugal. São os seus bastidores, o cenário natural da sua vida íntima, que é sincera em seu idealismo brusco e pagão, como o é na rudeza áspera dos costumes. Ela é mais «trasmontana» do que o homem, tanto pelo seu apêgo à terra, como pela harmonia do espírito e da actividade entre si e a natureza envolvente.

Os homens correm ao Brasil a buscar as lendárias patacas de misterioso velocino de ouro, depositado não sei em honra de que Ares, a que qualquer se julga o Jasão capaz de o empalmar com limpeza. E a mulher, heróica, briosa, hoje ainda digna das heroínas da Conquista e da Reconquista, das Deus-a-Deu e outras que tais, mantém-se no seu pôsto como chefe de família, ou simples serviçal, a quem a Província, sua Pátria, deve riqueza, vida e exemplo. Portuguesas, serranas, varonís.

Enquanto os homens lá ao longe moirejam, — sabe Deus e sabem eles com que odiosos trabalhos de Sísifo, — elas, coitadas, sem tempo de carpir saúdades, tratam da casa, olham pelos filhos, e esburgam do trabalho árduo as parcas economias para os tempos maus.

Por isso, tenho respeito pelos Brasileiros de «torna-viagem», que voltam do Brasil e constroem *chalets*, êsses *chalets* que são o «galicismo» sarcástico em cada canto de Trás-os-Montes. E' um respeito de simpatia e carinho não para eles, mas pelas mulheres dêles, que ficaram por cá numa longa via-sacra de agruras, suportadas com altivez dignificante de mulheres da velha têmpera de «espartanas» de Portugal.

* * *

Elas aí andam nos ranchos da azeitona. Por êsses olivais fora, não há *Noivados do Sepulcro*. Estrugem alegrias no frio retalhante das manhãs; correm perfis escuros de ninfas perseguidas, no nevoeiro de zembreiro, grosso como talhadas de requeijão. E' um círculo de Dante.

Feira de cantigas, como poderia chamar-lhe o galante D. Francisco Manuel de Melo, êsse trabalho agrícola estadeia cantigas de ar livre.

Debaixo da oliveira	Oliveira pequenina
E' um regalo andar;	Tem a fôlha aos anéis;
Tem a fôlha miúdinha,	Por via dêsses teus olhos,
Não chega lá o luar.	Padeço penas cruéis.

E no fim das *adiafas* do «apanho» e do «lagarejo», todas dansam, todas bailam, no «jôgo da roda», em que se canta e os pares rodopiam, quando a canção acaba. E' de emblemático e móvel cantar, uma das muitas:

O' ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Vamos dar a meia volta,
Meia volta vamos dar.

* * *

Elas aí andam à sôga das vacas, pela época das *vesadas*, a gradar a terra, muito senhoras do seu papel, pisando de leve os torrões com os largos pés descalços. Ei-la, a mulher dos castros!

Tem parte activa na *sementeira*, que elas fazem, se o homem de todo-falta. Vem as *mondas*, e elas, de saias arregaçadas, curvam-se para o chão em ritmos, que bem condizem com a paisagem do trigo ou do centeio de tenras verduras, a espreguiçar. Por fim, chega o período áurco das *ceifas* ou *cegadas*, em que mulheres de todas as idades e garbos formam ranchos rumorosos, que, pelo cair da noitinha, atravessam a cantar as povoações estouteadas de calor.

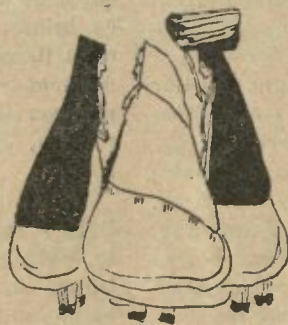
Torneio de amores não no há igual no ano. Todos os motes servem no anseio de *cantares ao desafio*. Mulheres e homens são, como as hastes do trigo e do centeio, criações por onde a natureza se anima e excita. Erguem-se da paisagem ao céu.

O' trigo, que assim és lindo,
Quem me dera a tua côr!
Entras na Hóstia Sagrada,
Serves a Nosso Senhor.

Cantam no trabalho, dansam por descansar.

A cana verde cantada...
Dançada é mais bonita.
Para dançar a cana verde,
Menina, saia de elita.

Eu perdi o meu lençinho
No terreiro a dançar;
Minha mãe não me dá outro,
Em cabelo hei-de dançar.



* * *

Elas aí andam nas *vendimas*. Descem aos bandos para o Douro, privilégio da uva, paraíso do vinho. O Douro é a economia caseira. Vão de romaria às vindimas, numa cruzada agrícola de rateio de fundos, para o mealheiro do *pêto*.

Mudam-se famílias, por acudir em pêso à faina duricense. A' falta de homens, abundam as mulheres. São tantas! O bando é uma invasão. Até a Senhora dos Remédios, de Lamego, lá vai de chamada.

A Senhora dos Remédios
Vai pelo Douro acima,
Com a cestinha no braço,
Fazer a sua vindima.

Nas vinhas ao redor das cidades e vilas, incendeiam-se ao sol as vendimadeiras. E' a côr, o arraial filarmónico de côres, na natureza tonalizada de verão, nas vinhas de parras vermelhentas, nos movimentos graciosos de arrancar os cachos e arrastar os cestos vimeiros, na bulha das cantigas, ora em coros unísonos, ora em dispersão de grupos diversos, para uma polifonia de novas escolas musicais.

O centro poético é feminino. A festa da vide, na festa da uva, dá na vindima a adoração grega da mulher. Ela chega, canta e vence. E, quando o rancho regressa ao lar, às vezes a léguas de distância percorrida todos os dias, rolam pelas estradas ao sol poente, como as virgens de António Nobre, mais como nuvens levadas pelo vento da tarde; e, sempre a cantarem, entram nas povoações, que lhes ouvem comovidas os animados estrilhos do louvor da vide.

Chora a videira,
O' videirinha;
Chora a videira
O' vida minha.

E vão-se com o dia para as aldeias da serra. O canto de melodia primitiva dissolve-se no ar. Trabalham como homens, passam como mulheres.

* * *

Elas aí andam nos rios, de vara em punho, nas barcas de passagem. Com pulso másculo, vencem, animadas na espadela dos *barcos rabelos*, as violentas *golas* do Douro.

E vão-se aos moínhos, onde a água mói e remói o centeio moreno e o milho áspero. Cantam com a água, que vem da represa e cai na roda gemebunda de queixumes. As *moleirinhas*, cobertas de farinha, são figuras de balada de Bernardim Ribeiro; são as Joanas, que se miram na água.

Mas, se há vontade de ver a mulher, fora dêsse romeir das festas agrícolas, é procurá-la nos costumes caseiros.

A serra é o ambiente próprio. Em Barroso o tipo feminino é rude, mas gracioso na vivacidade. No trigueiro da face brilham os dentes, perfeitos naquelas águas sem calcários, alvejantes de uma brancura especular, que lhes vem do pão de milho, áspero como lixa branda. Nos olhos negros há a profundidade dos vales, a negrura dos precipícios.

A mulher trasmontana é a mais franca. Reflecte-se na casa. Se o amanho desta é rude, naqueles muros de pedra nua, sob aqueles tetos de telha-vã ou de colmaço denegrido, abre-se todavia em varandas, que são a clarabóia da casa e uma espécie de Terreiro-do-Paço à vista de toda a gente.

Nas varandas secam ao sol as maçarocas do milho e as abóboras monumentais, que fazem o eneanto das donas de casa. Ai espalham os taboleiros, em que secam figos e ameixas. E' onde se reúnem as vizinhas, ao sol de inverno ou à fresca do verão; ai elas falam em algaravia de *nuns* e de *ããos*, torneios vibrantes de *bb* e de *vv*.

As varandas formam o palco familiar, onde as mulheres se mostram como são. Quando se receavam, punham-se outrora detrás das *rótulas* e *adufas*, encobridoras de tão belos espécimes nessa cavaleira cidade, que é Vila Real. E, se de lá veem e por lá se dão à vista, é assim que se querem ostentar como boas mulheres de trabalho: a roca, entalada na cinta, fia a lã e o linho; o fuso rodopia: os novelos e as meadas multiplicam-se, para dar que fazer aos teares.

Vem a festa da aldeia; os sinos alegam-nas, encham-se de festões de ramaria as ruas, onde a procissão desliza sobre os pavimentos das estrumeiras de estêva e mato. Elas, as môças, com as suas *arrecádias* nas orelhas e os *grilhões* ao pescoço, deitam-se a divertir as demoras da festa com a alegria estrepitosa do dia, sugado até o último instante.

E' a altura dos hailes de rodas, das *rondas* dos estúrdios, e da chula, a dança bárbara das serras, espécie de batuque de guerra, que entusiasma como pólvora os nervos rijos de moças e rapazes. O gaiteiro é uma loucura. Perto da raia, o gaiteiro galego, que reúne a gaita de foles, até mesmo a substituindo, o clarinete ou cornetim, faz dansar a *muiñera*, correspondência do pulado fandango de fantoches ao espelho, tão característico do Sul, com os pares aos saltos e geitos simétricos um em frente do outro.

As raparigas, muito sérias na *muiñera*, desforram-se a rir nas dansas de roda; ai podem elas mostrar os dentes, brilhantes dos *milhos* e do pão *milheiro*.

Nos intervalos da dansa, enquanto estalam os foguetes, vão elas e elles refrescar as goelas secas pelo calor e, mais que êle, pelo pó sufocante; anda de mão em mão a *pichorra* bojuda, dos louceiros provincianos de Vilar de Nantes, Pinela, Mirandela ou Bisalhães, e todos molham a língua nas boas pingas do termo.

* * *

A facilidade de transportes leva a moda às vilas e espulha aos campos a moda das vilas. As feiras, que eram antigamente o factor principal da manutenção dos trajes, usos e costumes regionais, são hoje a causa da desnacionalização, pelo contacto com o cosmopolitismo

do comércio das modas e com o exemplo da menina da cidade, mais o da criada da menina da vila, peor que a da cidade.

O homem resiste mais à penetração da moda alheia. Persiste. No traje, a mulher trasmontana perdeu o carácter. Só na serra, mercê da continuação dos factores antigos, como o clima, que não dispensa a lã e a estôpa, como o isolamento maior, e uma superior resistência nativa às inovações da planície, só ai se conservam as velhas farpelas castrejas. A estamenha, a saragoça, o burel, ordinariamente ruços ou castanhos, que por vezes num luxo metem a negro, são preparados pelas mulheres, desde a fição ao tecido e ao pisoar do pano grosso com pilões de pau ou de pedra.

A serrana tem no seu traje qualquer coisa de freira e de moura. A capucha das «capuchinhas» cobre-lhes a cara como um ferragoulo, caído ao depois em pregas duras até à cinta ou até os joelhos. Saias grossas, ásperas, uns saiotes sobre elas, a darem à mulher uma roda tremenda de bôjo de garrafa enorme, polainas que lhes resguardam do vento e da neve as canelas rijas, completam o traje da mulher das alturas.

E' um tom de aguada a nanquim, nota mortíça de sépia. Por vezes, numa alvorada de côr, a «capucheira» substitue a capucha por uma saia ou saiote de baeta grossa, vulgarmente vermelha, barrada de amarelo ou negro.

A mulher da baixa caracteriza-se, é a mulher de toda a parte: corpete claro, cingido; lenço amarrado sob o queixo; saias aos pares, um chaille, ou saiote às costas; mais côr na variedade de tons, menos côr em pitoresco e em carácter.

Activas, na serra sáfara ou na chá ubérrima, trabalham de sol a sol como as mouras dos penedos e das fontes da provincia. E manhãzinha, antes do sol nado, os pés grossos dentro de formidáveis *tamancos*, matraqueiam de rijo nas calçadas ecoantes das vilas e cidades, aonde levam os produtos do seu trabalho ou vão feirar as mercas para seu amanho. E' a montanha, que rola para os centros maiores o marulhar das quebradas e côrregos.

São, na ingénua expressão com que nos olham, abertamente, francamente, as mais sociáveis e, em sua casa, as mais gentis mulheres de Portugal. Cozinheiras de mão cheia, na serra, diante do lume, aberto em lareira franca, à mingoa de recursos, teem a virtude serêna e resignadamente cristã da abstinência. Há sempre, porém, da mão delas um acepipe, um brinde ao estranho,

o mais estranho que seja. Vem a festa do ano, e são um prodigio nos seus banquetes opíparos de Pantagruéis de Barroso.

Feias? Talvez. Rudes como as gentes da montanha. As almas são porém de cristal, e todo Portugal olha para cima, para o Norte da fé e das névoas, se quer ver Portuguezas de outro tempo.

LUÍS CHAVES.





ARQUITECTURA



Dirigida por JORGE SEGURADO

O Campo Grande



CONHEÇO-O desde o meu tempo de miúdo. Meu Avô paterno, o industrial A. Paulino da Silva, alugara ali uma casa para ares de campo a uma filha querida, e eu acompanhei a tia por algumas semanas naquele sítio, «fóra de portas»; tínhamos então uns oito anos, e como nessa idade tudo se fixa na lembrança, tenho a recordação de ser um sítio de arvoredado cerrado.

O que o Campo Grande era então!, todo êle uma magnífica mata com formidáveis árvores de enormes troncos; duas largas valas corriam-lhe aos dois lados a descoberto, e extensos baixos muros o rodeavam, com um ou outro intervalo dando passagem por pequenas pontes para as estradas.

Entre essas grandes árvores, uma delas bem me recorda; era um alto e frondoso pinheiro manso, com uma escada de madeira que se elevava em tórno do tronco quasi vertical, a qual na nascedura dos ramos terminava em patamar redondo, onde eu por vezes subia com minha tia, ou com outros pequenos, a brincar com uma balançazinha com que me brindaram.

As estradas, como agora, seguiam aos lados e vários retiros e hortas faziam as delícias do operariado alfacinha; um então, o «Colete Encarnado», tinha fama com o seu peixe frito e salada de alface, e ali juntava-se multidão em dia de espera de touros.

Ainda me lembra de nesse tempo de... menino e moço assistir a uma delas, creio mesmo que foi a única a que assisti.

Com várias pessoas fui para um dos muros do Campo Grande, sobranceiro ao chafariz do sítio, e vi por entre poeirada, que vinham, do lado do Lumiar, galopando à frente, muitos cavaleiros em bons cavalos e em «pilecas»; eram os «marialvas» e os pretendentes a sê-lo; seguia depois, sempre a nove, o maioral dos campinos à frente do gado bravo, o boi guia, os cabrestos com a inferneira do *ta-lão*, *ta-lão* dos chocalhos, e a seguir o curro de negros touros, na «ponta da unha», e por último a fila de vistosos campinos de pampilho, barrete preto forrado de encarnado, jaleca, calção, meia e sapato de prateleira; atrás seguiam trens e «tipóias» de todos os feitios, cheios de janotas dos dois sexos, e tudo envolvido numa

poeirada dos demónios, passando rápido, como fita de animatógrafo.

Mais tarde veio o Progresso, que chegou também ao Campo Grande; canalizou e tapou as compridas valas longitudinais; arrasou os murinhos; abateu a machado as grandes árvores, talvez já caducas; alargou o campo; dividiu-o em talhões, plantando-lhes árvores em grupos, pinheiros bravos, plátanos, eucaliptos, palmeiras, entre outras essências; por último abriu um tanque para cisnes e um formidável lago, — êste levou anos a fazer, como é velho costume lisboeta — e êle lá está, com ilhota e ponte à japonesa, ligando-a à *terra firme*, idêntico, aliás, ao do parque das Caldas da Rainha, e também como êste tem canoas para amadores de remos, faltando-lhe só o «almirante», como se vê nas Caldas.

Teve o Campo Grande um fanático na pessoa do seu Administrador, já falecido, que o pôs um brinco, tornando-se por anos o ponto de reunião da sociedade lisbonense, que em cavalos e carruagens passeava as suas extensas e agradáveis alamedas.

Um monumento, aliás pouco duradouro, ficou dessa personagem, o qual é o *Chalet das Canas*, que êle ornamentou com pinturas dos melhores artistas citadinos, pedindo como cego, a cada qual, um quadro pintado... em troncos de árvore de secção transversal!, por sinal que também lá figurei na colecção.

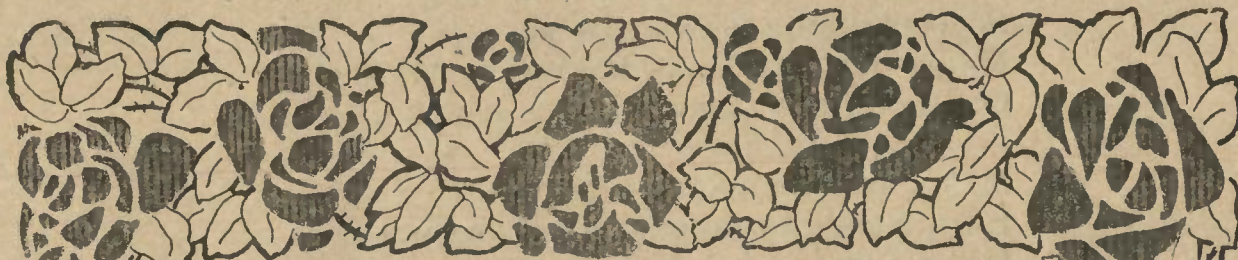
Há poucos anos foi o benemérito sr. Cruz Magalhães que abriu o museu Rafael Bordalo, pacientemente organizado com a quasi totalidade da obra do famoso caricaturista e ceramista português, e hoje ali um busto do artista sobre pedestal valoriza o Campo Grande, ao mesmo tempo que assim se perpetua a memória do criador do *Zé Povinho*.

Naturalmente quando agora visito o velho Campo Grande, mal o reconheço na transformação por que passou, aliás para melhor, — ao contrário do Rossio, que foi para peor, — mas uma recordação antiga nêle ainda para mim prevalece, é o alteroso pinheiro manso, próximo ao jardim, já sem a escadaria de pau em tórno do seu forte tronco, à sombra do qual, quando miúdo, brinquei no miradouro colocado à altura, em que se lhe repartem os ramos da grande e redonda copa.

RIBEIRO CHRISTINO.



NOSSO POETA.



DR. AMÉRICO DURÃO

Alma Nova

A minha Mãe

LEMBRA ALVURAS DE CISNE SÔBRE UM LAGO
A MINHA VIDA IMACULADA E HONESTA:
OÍÇO BATER MEU CORAÇÃO EM FESTA,
PELA BONDADE E AMOR QUE NÊLE TRAGO.

DO MEU ORGULHO OLÍMPICO DE MAGO,
SÓ O DESDÉM AOS INIMIGOS RESTA,
MAIOR QUE ÀS FÔLHAS MORTAS DA FLORESTA
QUE NOS MEUS DEDOS PÁLIDOS ESMAGO.

MAS A PIEDADE ENCHE O MEU PEITO E VEM,
EM VEZ DE TÃO HUMANO E VIL DESDÉM,
UNGIR MEUS LÁBIOS NUM PERDÃO DIVINO.

—JULGUEI SER DEUS... E CHORO DE CANSAÇO!
Ó MÃE PIADOSA, EMBALA NO REGAÇO,
MEU CORAÇÃO EXAUSTO DE MENINO.

AMÉRICO DURÃO.

Anoitecer

Ficou o céu descòrado...
E a Noite, que se avizinha,
Vem descendo ao povoado,
Como trôpega vèlhinha.

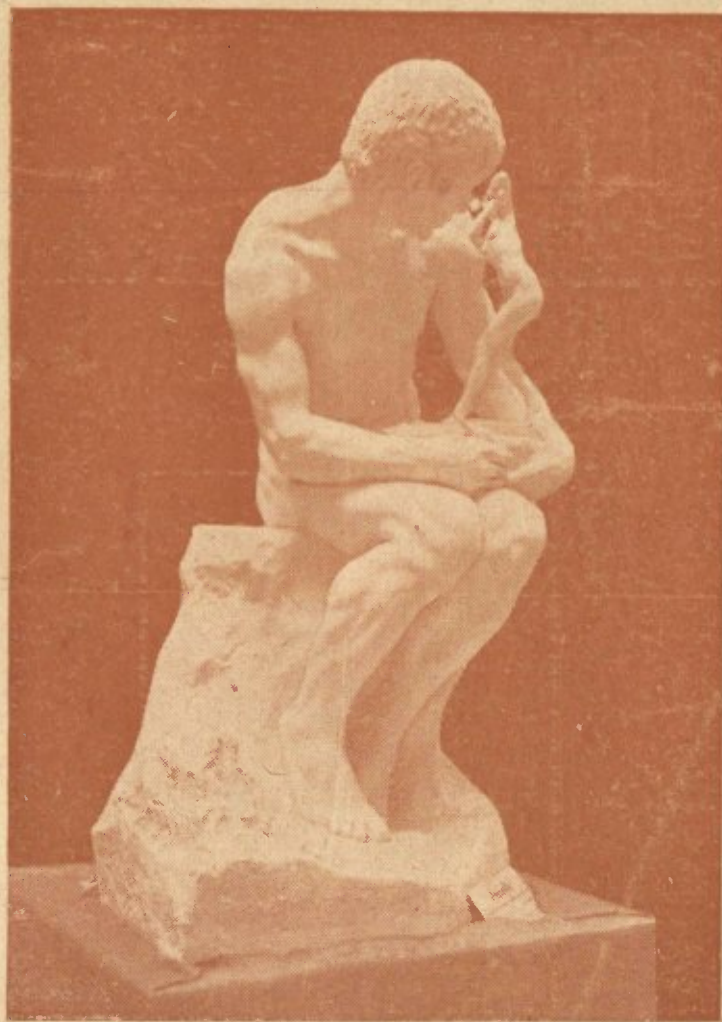
Para a guiar com cuidado
Veio-lhe ao encontro a Tardinha,
Não fôsse a Noite sòzinha
Perder-se em caminho errado.

Vão as duas caminhando...
E como o Sol já não arde,
Para o caminho ir mostrando

A primeira estrêla brilha...
Então diz a Noite à Tarde:
—Vai-te deitar, minha filha.

ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES
XX.^a EXPOSIÇÃO



PROMETEU

FRANCISCO SANTOS

EMBORA NOS APRESENTE ALGUNS TRABALHOS DE INEGÁVEIS MÉRITOS,
A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE DE BELAS-ARTES É ESTE ANO FRACA.
SALVAM-SE MARTINHO, BONVALOT, ROMERO, REIS, NALGUNS RETRATOS,
TRIGOSO, SAMORA, A. COSTA, BARATA, LEITÃO DE BARROS E POUCOS
MAIS. NA ESCULTURA O «PROMETEU» DE FRANCISCO SANTOS IMPÕE-SE.
FRANCISCO SANTOS QUE É, SEM DÚVIDA, UM DOS NOSSOS MAIORES
ESCUPTORES CONTEMPORÂNEOS, ACABA DE DAR-NOS A HONRA DE EN-
TRAR PARA O CORPO DIRECTIVO DA ALMA NOVA. TOMANDO A SEU
CARGO A SECÇÃO DE ESCULTURA :

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

XX.^a EXPOSIÇÃO



LEDA E O CISNE

CARLOS BONVALOT

DUAS PALETAS

MARTINHO E BONVALOT

São dois intimistas, com afinidades de tinta, mas diferenciados na técnica. São eles, Martinho da Fonseca e Carlos Bonvalot. Dois nomes que já têm glória e não estão longe do mestrado da arte. O primeiro é espiritual; o segundo é sentimental. Um é um emotivo; outro é um poeta. Mas ambos românticos, profundos, distantes das claras perspectivas da natureza e do cadáver colorido da paisagem.

Sonham os dois. Ser intimista, para mim, não é, como diz Maclair, adivinhar a poesia latente das coisas; é dar a alma do artista ao assunto, pintá-la e não pintá-lo.

Martinho tem este ano três quadros: «Dinorah» e dois claustros de Alcobaga. Dinorah é uma maravilha. É um rosto de mulher, grave, recolhido, duma melancolia exquise, em que a boca se afina no ritmo dum suspiro. É uma pintura quasi musical. O artista abstrai dalgumas cores da sua paleta, ou funde-as de tal maneira, que nós vemos apenas os gris, os doirados doces, um ou outro risco roxo.

Bonvalot tem as suas admiráveis manchas de Itália. Chamei-o poeta. É-o de facto. Não ennobrece a paisagem, alarga-a e espreita-a nas horas raras do mistério. Acorda-a; não a «filma», como os outros. Envolve-a em sugestionadoras cores, em que os azuis predominam. É um Cazin, triste e gracioso, contemplativo da beleza e não do belo. Pinta as transfigurações dos céus e das linhas quando elas falam ao homem.

Eis aqui dois artistas, que nesta exposição marcam o seu lugar, com raro valor. Fraternalizámo-los aqui as intenções. Que eles sigam pelo mesmo caminho do sonho...

A. P.

(Do «Diário de Lisboa».)

BALADA DO VENTO

O vento bate-me à porta
Que eu bem o oiço bater...
Bate-me à porta, chorando...
Bate-me à porta, falando
Numa linguagem tão morta
Que mal o posso entender...

Fria e tristonha, do ar
A chuva cai, desgrenhada...
Morrem estrêlas no céu...
— Não sei que drama é o teu,
Vento que estás a chorar
Nessa linguagem molhada!

Nem sei que voz é que levás,
Que eu não consigo entender!
Enche-se-me a alma de espanto
E em tudo eu oiço o teu pranto...
— ¿Porque soluças nas trevas
E à porta me vens bater?

Andam soluços no vento,
Enehe-se a noite de mêdos...
— Ó vento que vais passando,
Que vais passando e chorando,
Conta-me o teu sofrimento,
Confessa-me os teus segredos!

E o vento passa, a gemer...
Tôda a minha alma se abala
Prêsa de um frio terror,
Sentindo a dôr dessa dôr
Que o vento leva a tremer
Na sua molhada fala!

O vento bate-me à porta
Que eu bem o oiço bater...
Bate-me à porta, chorando,
Como alma penada errando,
Errando na noite morta,
De porta em porta, a gemer!

(Do livro *Oceano Atlântico*, em preparação).

REBELO DE BETTENCOURT.

?

« J'adore en toi
Ce qu'il y a de moi... »

Quero-te mais do que a ti própria: a Alguem,
Que vagamente sei que existe em ti...:
Sombra de Alma que nos teus olhos vi,
E dos teus olhos aos meus olhos vem...

Nuvem que passa, Esphynge, Ideal que eu li
Nesta saudade êxul que o Amôr tem...

— Se te procuro em mim, vejo-te além...
E não te encontro, e mais me perco em ti!

Quero-te mais do que a ti própria... E o anseio
Com que eu te quero é tanto, que me enleio
Em sêr assim como tu és e eu sou...

Não sei que Vida é esta... E então supponho,
Que, quando Deus a fez, só fez um sonho,
De que o Mundo de Amôr mal accordou...

Cerrado dos Pinheiros.

FERNANDO TAVARES DE CARVALHO.

PEREGRINAÇÃO

VIM de longe, de longe para te ver.

Atravessei planícies e florestas, desertos e cidades; os meus olhos receberam o sorriso do mar côr de cobalto, a bênção altiva da montanha; escutei o rugido das tempestades, a suavidade murmura das fontes. O vento arripou-me a pele, o sol crestou-me. Vi a miséria dos pobres e o orgulho dos poderosos.

Pelos caminhos ouvi os lamentos dos mendigos chagados, cegos, paralíticos, caídos como velhas árvores podres, e sofri a grosseria altiva dos que são fortes. Repousei a cabeça cansada nos degraus antigos de templos, debaixo da grande serenidade das estrêlas palpitantes, e recolhi-me da chuva e da neve nos portais dos palácios.

Vim de longe, de longe para te ver...

A distância tornava-se proximidade e a desgraça prazer, porque eu vinha ver-te. Sofri as torturas vertiginosas da sede—e tinha palavras de conforto e sorrisos para os tristes. Padeci as dores do cansaço e da fome—e ajudei os velhos, dei o pão do meu bernal às crianças nuas. Experimentei a nostalgia, cortou-me o coração o desalento e o receio—e tive forças para incitar os fracos e animar os desalentados. Mas toda a desgraça era pequena, toda a dor irrisória perante a luz espiritual que alumia o meu caminho!

Clarões de relâmpago eram beijos de luz. Estampidos do trovão, brados da minha certeza. Para cada gemido de dor tive um sorriso de amizade. Perdoei ofensas e respeitei a fraqueza. Quando, às tardes desfalecentes, repoisava os pés feridos de tanto caminhar, as minhas feridas eram as rosas rubras em que florescia a minha esperança... Havia cães humildes e vagabundos como eu, que vinham mansamente deitar-se junto a mim, lamber-me as chagas, dar-me a carinhosa amizade que os homens lhes negam. Os meus cabelos tornaram-se longos, a minha barba estranha e selvática; e o meu olhar tomou uma expressão profunda e longínqua como os horizontes que fitei das alturas.

O arvoredado estendeu-me a sua mão de sombra para me acobertar, deu-me por almofada a frescura da sua folhagem, alimentou-me com os seus frutos saborosos e coloridos. Beije as árvores agradecido. Longo tempo conversei com a noite, as nuvens, os regatos, os animais e as coisas. E tudo se povoou duma vida ignorada e estranha, o mistério do mundo desventrou-se: escutei as palavras de queixa que a terra árida ergueu para o céu sem nuvens; os rios confiaram-me dores e alegrias, saúdaes de terras percorridas. Os moínhos falaram-me da sua tristeza de monges presos, do seu anseio de bater asas, como



pombas brancas, por sobre o mundo que suspeitam. A todos ouvi com amor, contei os meus desejos, comuniquéi o meu alento. Deixei em-pós de mim um rasto de amizades, consolações e alegrias.

A distância foi-se em fumo. De longe vim para te ver...

Atravessei o espaço com a alegria misteriosa que o sofrimento acende. Parei aqui—era onde tinha guardado o meu segredo de viver—e recomeçou a alegria que a felicidade gera. Renasce agora em mim o ancestral desejo de lutas e vitórias. Mas se sou já o vitorioso, vitorioso de mim próprio!

O silêncio infiltra-se secretamente nas almas...

O parque embala os meus sonhos reacordados, onde passam visões esquivas de luz e sombra, gestos, instantes, palavras.—Da calma eterna dos ramos tomba um beático perfume de saúde. Dos recantos indecisos surgem imagens que não invoco. O eco responde aos pensamentos—quem falou aí?...—; se teres sonhado em voz alta!...

As pétalas dos mal-me-querer, brancas e abertas, são braços esperando ansiosamente corpos que vão cingir, absorver num beijo fúido, fundo—como aqueles em que senti desfalecer o teu coração e a tua alma abrir as asas de luz...

—Onde estás? onde estás?

Eu desejo a tua forma airoso e mossa, pressinto as tuas carnes brancas e suaves, mármore diáfano, mármore de sonho.

Onde estás?—de tão longe vim, para te ver! Mas o jardim é cada vez mais triste, as árvores mais velhas, e o tanque onde tu antigamente gostavas de ver o giro vermelho dos peixes e a nobre silhueta dos cisnes, tem a transparência turvada por aquele tom verdoso que faz pensar em ruínas e coisas antigas. Os nenúfares morrem de tédio, pálidos. A imagem duma ave corta agora, raramente, silenciosamente, a superfície morta da água.—Tudo triste, triste! Cresceram as trepadeiras e ninguém as corta—cabelos soltos dum eremita ascético.

Tudo verdura, tudo sombra. Nem sequer as rosas, neste fim de verão sedento e árido, enardecendo o ar, espalhando manchas claras como notas alegres e luminosas dum clarim.

De longe vim para te ver: onde estás?

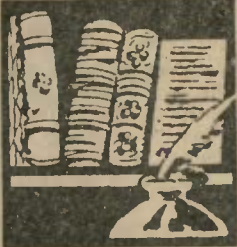
O silêncio absorve os meus passos, alonga-se sob o eco das minhas palavras.

Nada! nada! só a tua ausência...

—E a peregrinação recomeça, indefinidamente.

(Il. do autor).

RODRIGUES MIGUEIS.



LETRAS



(Dirigida por J. GUERREIRO MURTA)

LIVROS NOVOS

Os Ensaios

do Dr. Henrique de Vilhena

E

Amor Português

de Luís Chaves

OUTROS LIVROS

Dr. Henrique de Vilhena não é apenas aquele professor de anatomia a que a mocidade rende culto numa admiração justíssima; é também o espírito sequioso de Arte e crítico profundo que docemente nos sabe prender e arrastar na teia dos seus raciocínios. Amplamente testemunham este assêrto os seus dois últimos livros: ENSAIOS DE CRÍTICA E ESTÉTICA e DO BEM E DO BELO OU DO SENTIDO ESPIRITUAL DA VIDA HUMANA.

Os ENSAIOS, são uma série de críticas literárias e de Arte em que o ilustre professor revela as melhores qualidades de crítico. Desce a todos os pormenores, analisa tudo com um tal poder de visão e unias faculdades filosóficas e artísticas tão penetrantes, que verdadeiramente nos emociona. Pode quasi dizer-se que ele conhece tão bem o espírito humano nos seus movimentos, como os corpos inanimados que está acostumado a dissecar.

Não posso fazer aqui um exame rigoroso aos seus artigos, que visam principalmente um ideal de perfeição moral, de esforço e de amor; revelarei, no entanto, que o Dr. Henrique de Vilhena é sobretudo muito grande quando nos dá, através da sua superior visão estética, a emoção de algumas esculturas portuguesas. A sua obra ensina-nos assim a apurar o gosto, afinando-nos ao mesmo tempo o espírito de julgadores.

O seu estilo, sem pretensões, é elegante, rico e claro, elevando-se em concepções nobres.

Do outro livro, que o ilustre professor intitulou DO BEM E DO BELO OU DO SENTIDO ESPIRITUAL DA VIDA HUMANA, direi que é uma inteligente justificação dos seus ENSAIOS. O sr. Henrique de Vilhena fez muito bem em escrevê-lo em forma de diálogo, por se tratar de assuntos elevados. Os antigos também puseram em diálogo as suas obras filosóficas, retóricas, de crítica literária e de ensino, fazendo assim quadros movediços dos pensamentos de muitos personagens ilustres.

O diálogo, que é uma conversação entre muitas pessoas, deve de ter os seus personagens bem caracterizados — os



DR. HENRIQUE DE VILHENA

seus aspectos exteriores, e a sua fisionomia moral. Cícero, porque não obedeceu a esta lei primordial, falhou nesta forma literária em que Platão tinha sido inimitável. Ora, o Dr. Vilhena não esqueceu nenhuma das boas regras. Não esqueceu a harmonia da obra com o assunto de que trata, com a personalidade do autor, com o motivo para que a escreveu e com o tempo, isto é, — não se esqueceu da estética literária.

Ambos os livros são ilustrados pelo talentoso artista Saavedra Machado, que pôs em todos os desenhos um grande mimo e um sentimento muito de harmonia com a índole da obra. O artista parece ensaiar um novo processo de desenho, processo que nos atrai pela leveza do traço e frescura das expressões.

O AMOR PORTUGUÊS, do sr. Luís Chaves, é um livro interessante, que nos prende pelo título e agrada pelo método, pelo seu arranjo e pelo seu sabor. É uma obra que ensina a conhecer a alma do nosso povo, através dos seus costumes, dos seus ditos e das suas quadras. Estas são pedaços de sentimento, retalhos de alma em verso, e não apenas produtos artísticos da imaginação poética. Umaz vezes tem o perfume das belas flores da ingenuidade, outras vezes o cheiro acre da malícia.

Para a realização do que pretendia, o sr. Luís Chaves não só colheu directamente em diversas terras muitos elementos, mas também recorreu a artigos de etnógrafos, como Dr. Leite de Vasconcelos. Não esgotou o assunto, nem isso lhe era fácil. Do Algarve, por exemplo, nada nos diz; e, todavia, há lá muita coisa que serviria para enriquecer bastante o apetitoso livrinho.

O autor de O AMOR PORTUGUÊS não quis fatigar o leitor com erudição maçuda, mergulhando-se na história e descendo até às origens dos nossos costumes. Acho que fez bem. Se assim não fizesse prejudicaria um pouco a estética literária. O seu livrinho é, pois, uma obra que merece toda a nossa simpatia e os nossos aplausos. Pena é que o sr. Luís Chaves não quisesse fazer passar por todas as páginas um sopro quente, uma grande chama que inflammasse a imaginação do leitor e lhe escaldasse o coração.

FLORES DO FRIO, por Cláudio Basto. — É um livro de manjazinhas vivas, coloridas, imprevistas e movimentadas, cheias de fogo, onde se adivinha um coração que sente com arrebatamento e nobreza.

O sr. Cláudio Basto, vivendo numa província encantadora — o Minho —, onde a paisagem canta aos nossos olhos como os rouxinóis nos silvados aos nossos ouvidos, revela-se um produto da beleza natural da sua terra. É uma alma delicada, carinhosa, cheia de mimo, que ora se eleva em entusiasmos, ora se enbala no doce sentimento do amor. Basta citar os títulos de algumas dessas pequeninas aguarelas: *Manhã de Novembro*, — *Filha do Sol*, — *Primavera! Primavera!* — *O meu fantasma*, — *Meditações de amor*, etc.

O sr. Cláudio Basto publicou também um folheto muito curioso: *NO SEIO DA VIRGEM-MÃE* (considerações sobre a história de uma quadra popular), onde se mostra o verdadeiro homem de estudo e profundo erudito, que desde há muito apreciamos.

CAMILO — MULHERES E LÁGRIMAS (livro do Amor e do Coração), por Nuno Catarino Cardoso. — São pensamentos respigados de toda a vasta obra do Grande romancista e que o autor do *CANCIONÁRIO DA SAUDADE* soube coligir com muito gosto.

GLÓRIAS PORTUGUESAS. I — *Conde de Sabugosa*, por João Maria Ferreira. — É um despretençioso fascículo em que são arquivadas algumas notas sobre a personalidade literária do sr. Conde de Sabugosa. Acharno-lo trabalho demasiado pequeno para uma figura tão grande nas nossas letras e não concordamos com a ortografia.

Do mesmo autor recebemos ainda o volume de versos *FLORILÉGIO* — bem apresentada compilação das melhores peças literárias de toda a obra poética do escritor.

J. GUERREIRO MURTA.

Outros Livros

NA PENUMBRA DA GRANDE GUERRA — O SUPLÍCIO DUMA ALMA, — por Mário de Campos, professor da Escola Militar de Lisboa. (Imprensa Nacional, 1922). — É uma linda *plquette* em que o sr. Coronel Mário de Campos, nosso antigo professor na Escola Militar, aprecia em rápidas linhas, numa frase simples, elegante e correctíssima (onde não falta em síntese, o necessário espírito histórico), a brutal invasão do Grão-Ducado de Luxemburgo, em 1914, pelas tropas alemãs, e a tragédia política que essa invasão precipitou sobre a família imperial daquele Grão-Ducado, cuja princesa reinante (hoje Sôror Maria Adelaide, no Convento Carmelita de Módena) tinha ainda afinidades de sangue com a nobreza de Portugal.

O sr. Coronel Mário de Campos é um dos nossos mais distintos oficiais do Corpo do Estado Maior e como professor e escritor militar a sua obra é já importante. Pela sua bibliografia da Grande Guerra foi louvado há tempos em Ordem do Exército, o que determinou que lhe fôsse concedida a medalha de ouro da classe de bons serviços.

Felicitando-o entusiasticamente pela justiça feita, agradecemos a sua oferta.

SACRIFÍCIO DE ENFERMEIRA, um acto em verso por Manuel Caetano de Sousa. (Tipog. Regional, Editora. Faro, 1922). — Não é abundante a bibliografia teatral da Grande Guerra, donde o merecerem hoje um particular apêço as obras que nesse género apareçam. O pequenino acto que o bravo Tenente de infantaria sr. Caetano de Sousa escreveu, mereceria já por isso a nossa simpatia, se outras circunstâncias o não impusessem. As quadras são de verdadeiro poeta e a acção tem bastante fogo.



DR. CLÁUDIO BASTO

ALCYON, por João Rosado; capa de Carlos Porfírio. — Como a ave da fábula, este curioso livro veio trazer-nos, na música dolorida da sua orquestração doente, ainda imprecisa, um agradável preságio: — é o de termos dentro em breve em João Rosado mais um excelente Poeta. Resta apenas que procure equilibrar um pouco mais a sua sensibilidade de Artista.

O REBANHO, por Assis Esperança, edição de «A Hora Novelesca», capa e ilustrações de Roberto Nobre. — É um pequeno ensaio de novela, em que o apreciado autor de *A VERTIGEM* e *VIVER!* marca bem as suas qualidades de observador e analista. Assis Esperança expõe bem, com crescente interesse e num estilo adquável ao assunto.

ESBÔÇO DUMA BIBLIOGRAFIA DA GRANDE GUERRA e fôlha solta NAS ASAS DA GLÓRIA, por Nuno Beja — Coimbra. — Sobre o esbôço se refere noutro lugar deste número o sr. Tenente José Brandão. A fôlha é uma quente saudação ao glorioso feito de Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

MATEUS MORENO.



CORONEL DO CORPO DO ESTADO MAIOR
MÁRIO DE CAMPOS

Comemorando o "9 de Abril"

Palavras do sr. Coronel Mário de Campos, escritas expressamente para a «Alma Nova», em comemoração do Esforço da Raça:

«A história moral da batalha sangrenta de La Lys está feita. Foi uma admirável afirmação das qualidades permanentes do povo português, desse fundo de constância, de tenacidade, de fé no próprio esforço, que nos têm acompanhado, como um sol radiante, neste dia magnífico que se desenrola desde as lutas da Reconquista, os prélios épicos do Mestre de Aviz e da Restauração, as resistências ingentes da Guerra Peninsular, fulgurando na realização da maior epopeia marítima dos tempos modernos, e, despedindo um soberbo clarão, ainda há instantes, na conquista definitiva dos domínios do ar.»

9 de Abril de 1923.

MÁRIO DE CAMPOS.



ARTE



Subsídios para a História da Arte Portuguesa

O MESTRE ESCULTOR

Simões de Almeida

(NOTAS ÍNTIMAS)

EM 1855 matriculei-me na Academia de Belas-Artes de Lisboa, nas seguintes aulas, que freqüentei intercaladamente até 1860: de Figura por estampa, Ornato e Architectura; de 1860 a 1865 a de Escultura. Fui para Paris em 19 de Julho de 1866.

— Desde 1872 até 1875 exerci o cargo de professor interino, na qualidade de Académico de Mérito, com o ridículo ordenado mensal de 16\$645 réis nas aulas de desenho do Antigo e modelo vivo.

— Em 1875 demiti-me do meu cargo por me não convir tão insignificante ordenado, e porque tinha entendido que tinha pago o favor da minha pensão no estrangeiro.

— Retomei o meu lugar de professor proprietário das ditas aulas, com o ordenado de 600\$000 réis anuais em 1881, até 1896, transitando neste último ano para a aula de Escultura, por falecimento de Vítor Bastos.

— Em 1905 fui nomeado director da Escola e do Museu de Arte Antiga; no Museu apenas exerci o cargo cinco anos; na Escola sete.

— Fui aposentado em 9 de Fevereiro de 1912 com 37 anos de serviço e 730\$000 réis de ordenado, que nunca recebi por completo por me ser cerceado por diversas alcavalas.

— Não tive predilecção especial pelos discípulos, interessando-me igualmente por todos, tendo sempre mais predilecção (naturalmente) por aqueles que eram mais assíduos no estudo e que mais se distinguiram.

— Tive por professores: na aula de Figura por estampa, Vasques, Académico de Mérito; na de Ornato, o grande pintor animalista Anunciação,



SIMÕES DE ALMEIDA

que ligava pouquíssima importância a esta aula; na de Architectura, José da Costa Sequeira, professor muito consciencioso. Deixou um livro com as ordens de Architectura, que ainda hoje é muito apreciado. Na aula de Escultura, Francisco de Assis Rodrigues, director e professor proprietário da cadeira, e Vítor Bastos, professor substituto.

— Em Paris na «École Impériale des Beaux Arts» Mr. Jouffroy na Escultura; em Desenho recebi algumas lições do pintor Ivon.

— No curso de Arqueologia segui as lições de Mr. Hensey; no de Anatomia Mr. Hugues; na História de Arte Mr. Taine.

O Estado nunca teve para com a Escola a atenção que lhe devia merecer. Durante a minha direcção tive sempre grandes dificuldades

para regularizar os serviços, por falta de recursos.

— Produzi 36 estátuas, das quais prefiro a de D. Sebastião sonhando em conquistas, a Puberdade e a Vitória.

— Mais 8 estatuetas, 4 grupos, 57 bustos e 72 medalhões.

— Artistas escultores portugueses que mais admiro, são o grande Machado de Castro e o genial (meu contemporâneo) Soares dos Reis.

Dos italianos Giusti.

— Pintores portugueses que aprecio com entusiasmo, são o grande Sequeira e Grão-Vasco.

São também dignos de apreço Pedro Alexandrino, Taborda, etc.

Artistas franceses (escultores) Pinde, Guillaume, Dubois, Jouffroy, Mercié e o italiano Giulio

Monteverde; e ainda outros por quem tenho um grande entusiasmo.

—Obras de literatura portuguesa que mais aprecio são o imortal Camões, Alexandre Herculano, Garrett, Vicondes de Castilho e outros modernos, como Lopes de Mendonça, Eça de Queirós, etc.

Literatura francesa: Vitor Hugo, Balzac, Eméric David, Charles Blanc, Viardot e H. Taine.

Tenho pelos artistas modernos (tanto escultores como pintores) a maior consideração, porque a maior parte dêles são verdadeiros artistas, que podem ombrear vantajosamente com os estrangeiros, tendo *produzido obras de grande mérito*. Nos atelieres da Escola (em Paris) há o costume de se pagar a patente (*bien venue*). O estudante não tem nome, é o *nouveau*, e nessa qualidade tem de fazer o serviço do atelier: amassar o barro, etc., etc., e enfim sujeitar-se a todos os caprichos dos *anciens*.

Ao *nouveau* não se liga a menor consideração, o que só se modifica com a entrada de outro *nouveau*. Como estava muito alheio a estes costumes, tive grandes aborrecimentos. Um dia senti-me tão magoado que saí do atelier com tenção de lá não voltar e vir para Portugal. Na saída encontro-me com o professor Jouffroy que, vendo-me com um ar contristado, me perguntou a razão; depois de me ouvir convidou-me a entrar, apresentando-me aos colegas e pedindo-lhes a sua indulgência, visto ser eu um estrangeiro que devia ser poupado.

Respeitaram o conselho, tornando-se meus amigos, entre os quais, mais tarde (em Roma), tive a maior intimidade, destacando-se entre eles Antonin Mercié.

—Declarada a guerra Franco-Prussiana em 1870, fechou-se a Escola e os estudantes alistaram-se na *Garde National Mobile*, indo o regimento para o campo de St. Maur (perto de Vincennes).

Acompanhei o regimento com a ideia de me alistar, mas ao fim de três dias, que permaneci no acampamento, desisti da lembrança, em vista do desânimo que a todos tinha invadido por falta de instrução e armamento e, enfim, por estar tudo desorganizado.

—Voltei para Paris, de onde saí com grande dificuldade, partindo para o Havre, e embarcando para Lisboa, por conselho do nosso cônsul, em 9 de Setembro, visto que o Havre estava em estado de sítio, e êle nada nos queria auxiliar.

—Cheguei a Lisboa em 14 de Setembro, partindo para Roma em 31 de Outubro de 1870, conservando-me aí até 1 de Fevereiro de 1872.

Êste ano e meio de pensão foi o mais feliz da minha vida que, a-pesar-dos meus 78 anos, nunca esqueci. Nunca tive uma dor de cabeça; trabalhei, diverti-me e ganhei dinheiro, que me serviu para me estabelecer em Lisboa.

—Durante a minha permanência em Roma fiz uma viagem ao Sul da Itália em companhia de

quatro colegas, visitando Nápoles, Capri, Pompeia, Herculano, Pœstum. Subimos ao Vesúvio para ver e admirar o bellissimo panorama da baía. Na volta para Roma visitámos o convento do Monte Cenísio.

Esta viagem fez-se em 16 dias e a pé, gastando cada um 36\$000 réis. (Bons tempos!).

—Para terminar êstes mal alinhavados apontamentos, devo dizer que dos meus estudos na Academia de Belas-Artes de Lisboa pouco aproveitei, e êsse pouco era tão falso que muito me custou libertar-me dos maus princípios de uma escola no último gráu de decadência.

Foi na Escola em Paris que comecei a ter a verdadeira noção da Arte, dedicando-me ao estudo com muita perseverança.

Creio ter respondido (sem maiores detalhes, que me levariam muito longe) aos quesitos que me foram apresentados.

JOSÉ SIMÕES DE ALMEIDA JÚNIOR.

*

—Esquécia-me de adicionar a êstes apontamentos a minha viagem para Portugal:

Saí de Roma em 1 de Fevereiro de 1872, chegando a Lisboa em 21 do mesmo mês, tendo visitado parte do norte da Itália, começando por Piza, Florença, Bolonha, Veneza, Milão, Génova e Marselha.

—Após a minha chegada aluguei uma loja na R. da Boa-vista (em frente do Boqueirão do Duro),—loja sem condições de luz, a que pomposamente chamei *atelier*, dando pelo aluguer 100\$000 réis por ano. Tendo pago o 1.º semestre e não tendo dinheiro para pagar o 2.º, pois que tinha gasto todas as minhas economias com a montagem do que me era necessário para trabalhar, vi-me obrigado a aceitar a encomenda de um trabalho para canteiro. Isto aborreceu-me. Sentia-me esquecido e sem recursos para fazer arte como eu tinha sonhado. Foi um momento de grande desânimo e esmorecimento. Como tinha aprendido a gravura de camafeus (*onix*) dediquei-me algum tempo a êste trabalho, executando algumas encomendas, mas, vendo que não tirava resultado, abandonei-o por completo.

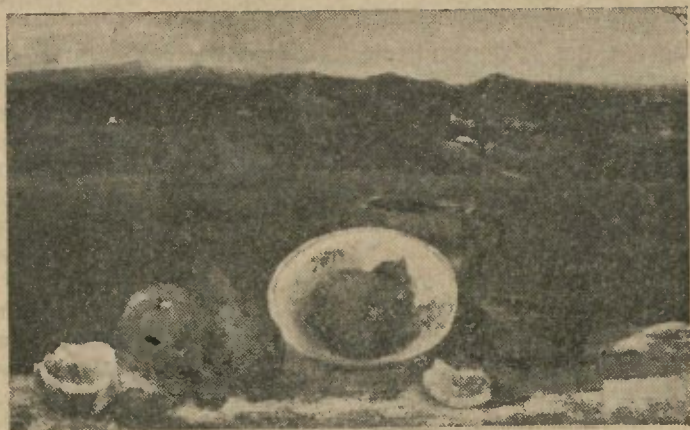
Foi neste atelier que modelei o D. Sebastião. Estive um ano neste atelier, mudando-me para a Rua Duque de Bragança, n.º 18, onde me conservei 25 anos, estando actualmente alugado ao distinto artista (que me honro de ter tido por discípulo) António Augusto da Costa Mota.

Amadora, 10 de Agosto de 1922.
Avenida Miguel Bombarda, n.º 3.

JOSÉ SIMÕES D'ALMEIDA JUNIOR.



ARTE REGIONAL



«Coisas da Serra». — Quadro de Samora Barros

OS PINTORES DO GHARB

POR SEBASTIÃO DA COSTA

ÉSTE meu Algarve colorista que na mesma friura do inverno se deleita a pintar a branco e rosa diáfanos o tronco nu das amendoeiras, não podia deixar de ser terra criadora e inspiradora de pintores.

E é, na verdade.

Por aqui passou o infeliz Henrique Pousão, artista apaixonado pela coloração soalhenta do ar livre.

O que nos revela a sua obra do museu do Porto, permite-nos supor que teria sido um dos maiores pincéis da sua geração.

A-par de os de Silva Porto, o artista probo no dizer de Fialho, que muito valorizado foi pelos gulosos da boa arte no recente leilão Ameal, os seus quadros não perdem interesse e continuam prendendo nossos olhos enbevecidos, na cal deslumbrosa das alvenarias, no luminoso céu de Capri, na gama maravilhosa dos azuis.

Este se tivesse vingado e com seus olhos percorrido esta rica paisagem algarvia, paleta de mil cores, que vai do pâmpano verde fresco da Primavera às parras velhas e ferrugíneas do Outono, do amarelo delicado do frutuoso limoeiro ao oiro da laranja e púrpura da romã, a fruta heráldica do sonhador de Fiume; se com seus olhos menineiros por mais tempo tivesse contemplado o céu e mar de um só anil, e os serros, ao sol poente, violetas, desta terra de encantamentos, teria sido o pintor máximo do nosso Algarve.

Mas outros por aqui andam neste paraíso da luz — em que os mesmos poetas são coloristas — enamorados da viveza

das tintas, como todos os que outrora pisaram este solo tentador — gente de Roma e gente do Koran.

Nos mosaicos policromos daqueles, nas colunatas de mármore branco abertas ao sol, glorifica-se a luminosidade estonteante desta atmosfera transparente que deixa perceber, lá longe, sobre os serros, a brancura dos minúsculos casaís.

Nos poemas sensuais destes canta-se a beleza idílica, a voluptuosidade do clima bonançoso do Gharb, com seu *azahar* rescendente, que excedia em fragrância os bosques aromáticos do Yemen.

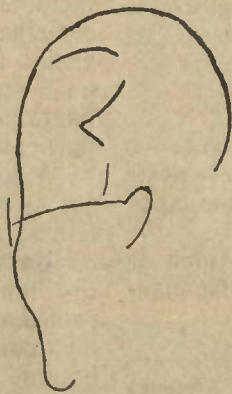
E entre os que hoje por aqui pintam, filhos de longes terras e filhos de cá, iniciaremos pelos que, sob a asa inspiradora deste céu, abriram os olhos à luz — não por primazia, mas porque propriamente do Gharb se trata e de seus pintores; e como ainda estes formam exíguo número para uma galeria, incluiremos ilustradores (iluminadores, se diria nos belos tempos em que o livro era obra de arte manual), desenhadores e caricaturistas.

De pintores, três, que eu dê conta: D. Alexandrina Chaves, terminando o curso das Belas-Artes.

Samora Barros, diplomado, fazendo ensino em Silves, e pintando de quando-em-vez.

Carlos Porfírio, um escapado das Belas Artes, pintando e expondo com relativa frequência, sob a pressão de amigos.

A pintora tem qualidades que, quando liberta dos mestres, e das suas maneiras, a podem conduzir, senão aos mais altos cumes da Arte, a um virtuosismo muito apreciável.



ALMA
Auto-caricatura

Desenha muito bem. Vi três *fusains* que revelam uma notável mestria do claro-escuro. A figura sai do seu pincel com vida: carnação natural, expressão animada. Neste género tem uma cabeça de velho muito interessante, e um bom retrato de donzela. Ignoro como tratará a nossa paisagem; as que até hoje vi mostram-na, neste género, inferior à retratista; mas creio serem telas dos seus primeiros tempos. Quando um dia se colocar diante destes risonhos quadros que trazem meus olhos encantados, não deve dar má conta de si.

¿Que posso dizer do segundo, de quem muito me aprazia falar, se obstinadamente desdenha o público e apenas sei que pintou uma santinha muito esbelta, para capela vizinha, debuxa e mancha pochadas e quadros da paisagem local, ao que dizem com muita côr, e enviou à Exposição do Rio uma tela onde o carácter e luz desta província teem penetrante e espiritual representação?

Direi que espero a sua descida ao povoado para o ver — e admirar, por certo — e depois falar consoante a impressão de meus olhos e o sentir do meu peito ⁽¹⁾.

Do lunático Porfírio (porque ama as paisagens lunares) muito tenho dito, e muito há que dizer.

Porfírio é um noviço com talento; com os seus poucos anos parece que percorreu as noites tenebrosas da desilusão e pensou e sofreu mil e uma vidas, nas vidas anteriores. Eu que calcurrei as sete partidas do mundo — as da terra e as do espirito — e vi o que elle deverla ter vagabundeadado para pintar assim, vejo-me infante inexperiente ao lado da sua penetração intuitiva. Ah! os mistérios do sub-consciente, senhores filósofos *d'après Hartmann*, que biblioteca daria o assunto! A minha fibra de Alceste, que me leva a evitar o *gouffre où triomphent les vices*, como ela compreende aquelas paisagens taciturnas, pensativas, misteriosas, do jovem pintor! E as tardes trágicas e as horas pálidas e o dealbar daquelas madrugadas em que sabe pôr toda a magia do seu esfumado, como eu as sinto! Nos seus nocturnos, nos de mais feliz factura, parece que o artista segreda à sua alma como o poeta das *Flores do Mal*:

*«Soi sage, ô ma Douleur, et tiens-toi plus tranquille.
Tu réclamais le soir; il descend; le voici:*

Entends, ma chère, entends la douce Nuit qui marche.»

O paralelo entre o pintor e o poeta parece-me perfeito: Porfírio é igualmente um poeta que pinta, as mais das vezes, as suas visões interiores, e estas como as de Beaudelaire falam pela voz da dor e do desespero. O pintor poderia repetir:

«J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans.»

Outros dos seus quadros são objectivos — o pintor coloca-se no tempo e no espaço — neste mundo de agora e no Algarve — e pinta com olhos namorados a sua província colorista.

Neste género deu-nos duas variantes: uma de tons discretos, outra em que a alacridade das man-

chas e o sumário das indicações fazem logo falar em gente moderna, impressionista ou que seja.

Especializo neste género a sinfonia cromática da sua Feira.

Mas da técnica pode falar qualquer que visse a sua triunfante exposição do Salão do *Século*.

Eu resumo, dizendo: que se elle não é ainda o pintor do Gharb, nem talvez o venha a ser, é sem dúvida um pintor estranho de um mundo exótico que lhe anda na alma, e que, com esse outro mundo, o Algarve crê lhe dará, de futuro, muita fama neste.

Os dos bonecos, das caras e caretas, são também trindade:

Loureiro Marques, Dias-Sancho e Roberto Nobre, illustradores e caricaturistas. Os *gommeux* do Chiado e da Marques, das fatiotas *up to date* e gravatas preciosas, conhecem suas obras.

Loureiro Marques desde a «Exposição dos humoristas», em Junho de 1920, tem um nome feito; a sua arte explica-o. E' um dos que melhor sentiu o que seja ilustrar e com mais original fantasia sabe sublinhar o pensamento de um escritor.

Compõe com elegância e graça.

Deu-nos algumas vezes (parece que presentemente se vai afastando dessa maneira) illustrações de um desenho complicado, mas de grande delicadeza, que lembravam alguns dos melhores *cartoonists* ingleses. Na sua simplicidade actual conserva a sua para mim principal qualidade — um fino humor; mas um humor particular que encara a Vida como um teatro de títeres.

Loureiro Marques despe os homens da sua solene dignidade humana e representa-os como fantoches, bonecos articulados, que exteriorizam os sentimentos por gestos angulosos e grotescos.

E' um comediôgrafo para quem a faceta séria da Vida parece não existir.

Embora nas recentes illustrações do A. B. C. e da *Illustração* não se possa apreciar o colorido, quem o viu no Salão de S. Carlos não desconhece como sabe sinfonizar a côr.

Dias-Sancho é, a um tempo, poeta, cronista, crítico literário e caricaturista. Do caricaturista me ocupo. Desespalhafatoso neste seu ramo da arte, não tem tido pressa em pôr-se diante do público selecto. A *Epoca* e a *Illustração Portuguesa* publicaram algumas caricaturas suas. Mais podia publicar: o successo das duas exposições de Faro devia ter-lhe dado alento. Enveredou pelo mais difficil género — a caricatura pessoal. Tem uma facilidade surpreendente de, caricaturando, dar semelhança. Com um traço e desenho que, sem ensino algum, improvisou, e é sempre fácil e chega a ser curioso de imaginação, sabe apanhar o flagrante de uma attitude grotesca, a psicologia particular dos caricaturados.

A sua aparição foi uma extraordinária surpresa: as *charges* aos farenses eram de uma inventiva felicíssima.

Na segunda exposição desviou-se para o quadro humorístico e decorativo, e deu-nos a *Ultima comédia*, um entêrro, a preto e amarelo, que era uma composição do mais acabado desenho e fino humor.

O da vendedeira de laranjas ao sol era bem manchado e de grande sentido decorativo.

(1) Samora Barros acaba de concorrer com alguns quadros (óleo), à Exposição Nacional de Belas-Artes, que são do melhor que conhecemos do artista. — (N. da R.)



D. SEBASTIÃO

ALMA NOVA
N.º 4-6—3.ª série

OBRA PRIMA DE
SIMÕES D'ALMEIDA

De tudo fiquei com a impressão que na caricatura pessoal tem grande futuro, se quiser trabalhar com afinco e não se iludir e contentar com as primeiras gloriolas.

O seu espírito-borboleta não sei se o deixará poisar algum dia em alguma destas artes que com talento cultiva — e sem perseverança não há obra perfeita, mesmo quando se tem talento.

O exemplo do paciente Flaubert deve estar sempre no nosso espírito.

Outra esperança que desponta na arte algarvia é Roberto Nobre.

As exposições locais despertaram num momento o caricaturista e ilustrador adormecido, coisa que o ensino oficial de desenho não tinha conseguido em cinco anos!

De então para cá tem ensaiado a mão nalgumas caricaturas pessoais muito fantasiosamente estilizadas e em quadros decorativos, dos quais merecem menção uma alegoria do Outono, capa do terceiro número da *Seara Nova*, e que ao lado das do mestre Leal da Câmara não fez muito má figura, e uma Salomé dançando diante da cabeça do Baptista, que é uma maravilha de colorido e imaginação.

O novel artista não deve transviar-se da sua vocação; se o não fizer, e lhe dedicar toda a sua incipiente habilidade, poderá dar ao Algarve mais um pintor ⁽¹⁾.

Já que de gente que desponta falo, não quero deixar de referir-me, com saudade, ao infeliz Almeida Cruz, que a tísica assassina nos roubou tão cedo.

Foi para as Belas-Artes com o peito cheio de esperanças, e triunfou nas primeiras provas com a primeira classificação; de lá voltou com êle a desfazer-se, para morrer em casa. Pobre sonhador!

¿Por que mistério é a tuberculose essa ceifeira cruel de artistas?

Chopin, H. Pousão, António Nobre, Cesário Verde, José Duro, João Lúcio, o espanhol e talentosíssimo Júlio António; eu sei quantos mais, um sem-número.

Foi ela também que nos roubou, no comêço da vida, êste, que naquilo que fez mostrava uma alma ansiosa de perfeição.

O Algarve perdeu, sem dúvida, um artista.

Restam-nos dois consagrados que, não sendo algarvios de berço, trabalham sob inspiração algarvia: Falcão Trigoso e Lyster Franco.

Para o público de Lisboa, que sempre carinhosamente tem acolhido o paisagista F. Trigoso, todas as interpretações e encómios seriam descabidos.

Para os que não tiveram ainda o prazer de admirar as suas telas, onde o campo e a costa da minha província encontram amorosa representação, dir-lhes-hei que o ilustre pintor sente toda a magia e riqueza de côr do ar livre desta região.

Nos seus quadros há a luz e calor dêste céu, destas árvores, destas rochas, reverberando os-

raios vivos de cima, pelo pino do meio-dia, ou afogueadas pela feiticeira irradiação do sol poente.

A frescura das suas tintas é bem a destas marchetadas relvas onde as florzinhas silvestres bordam tapetes de variegadas côres.

Vê-se que o pintor ama o campo e como apaixonado o trata, com cuidada objectividade, sem contudo fazer obra de copista.

Pinta o que ali está, mas com emoção.

As amendoeiras com suas florzinhas claro-roses — um eterno problema para pintores — tem tido em Falcão Trigoso um dos seus mais carinhosos intérpretes.

Deu-nos a medida da sua penetração objectiva uma paisagem da Flandres, em que soube dar com notável habilidade a atmosfera fria daquela região. Inferior é na figura: parece que por muito pintar a natureza tem trabalhado pouco a forma humana, e esta sai em geral dura e mal colocada.

Nos seus quadros há quasi sempre um grande sentido decorativo, e assim deve ser, ¿se para serem pendurados em interiores como se pode negligenciar esta qualidade fundamental?

Lyster Franco, membro da Academia das Sciências de Portugal, é um pintor que desenha a *fusain* quadros de paisagem algarvia, desta dionísica paisagem que é toda côr e luz vivíssimas.

Esta injustiça não posso perdoar-lhe.

Os que vimos há alguns anos eram bem desenhados, mas frios, sem emoção.

Dizem-me que os da sua exposição lisboeta eram de uma factura cuidada, académica.

O público de Lisboa que os comprou, melhor de que eu saberá onde reside a magia do seu claro-escuro.

Aqui vive também Raul Carneiro, a quem a arte de educar meninos, e de criar e educar os próprios, furta a sua hábil mão da outra arte de pôr em tela as côres e formas da vida. Tenho-o como um retratista de mérito, senhor de uma técnica segura, e a quem só falta querer.

Esta falta e dinheiro são as duas maiores dos portugueses.

¿Quem sabe se Portugal não estará perdendo no seu *dolce far niente* um *de la Gandara*, um *László* ou um *Zorn*?

Por aqui passou como meteoro António Soares, com sua frase solene e a aristocracia dos seus modos e da sua arte. Pode ser um grande decorador ou pintor de retratos quando dedicar à obra todo o tempo que malbarata na apostolização dos seus subtis princípios estéticos.

Aqui expôs Barradas, a quem profetizámos os louros que tem colhido.

E por aqui anda pintando, com a alegria da sua alma fresca, Eduardo Viana, o forte, o bizarro, o jovem e ousado.

Depois da última exposição da Rua Nova do Almada, a falange nova vê nêle uma das mais decididas afirmações da nova escola.

Na sua projectada e recente exposição, em Lisboa, com algumas estonteantes surpresas, terá a verdadeira revelação do Algarve colorido e pitoresco, visto por uma alma de artista.

Faro, 28 Set. 1922.

SEBASTIÃO DA COSTA.

(1) Apraz-nos registar o verdadeiro triunfo colhido por R. Nobre na sua recente exposição de arte modernista, em Lisboa, com outra artista muito apreciável, D. Isaura Cavalheiro. — (N. da R.)

Os Infelizes

Conto Regional por BARBOSA SUEIRO

Ilustrações de SAAVEDRA MACHADO



It is a tale of life, and life
is made up of such sorrows.

CHARLES DICKENS.



A planície imensa estende-se até às montanhas azuladas que, muito ao longe, torna o horizonte erigido, ondulado de corcovas, recortado de picos. Homogênea em planura mas não em aspecto, pois quadrados negros de alqueives alternam com as searas onde o trigo rebenta, colorindo a terra de verde alegre. E parece um desordenado xadrez onde os claros se desigualam, conforme as sementeadas estão exuberantes ou enfêzadinhas.

A estrada nua, muito branca, estreitando-se sempre à medida que caminha coleando sossegadamente, vai também esbarrar nas montanhas de azul ferrete, sobre as quais o sol pende, como que um lampeão descomunal suspenso duma nuvem negra.

A tarde, pachorrenta e pesada, decorre indiferente ao renascer dos campos, povoados de grilos trinando nos valados, enquanto a passarada, sempre destemida e folgazã, sulca os ares em mil direcções, indiferente por sua vez à tristeza do céu muito nublado, indifferente à tristeza do fim do dia. E é o que mais há—indiferença. Indiferença dos seres animados para com os inanimados, indiferença destes para consigo mesmo...

Um cão lazarento, esfomeado, enroscara-se dormindo, à beira da estrada, junto de dois garotos que jogam desesperadamente o pião. O jogo anima-se sucessivamente e quasi atinge o furor.

—Olha que se me racha o pião com uma nicada, racho-te a pinha com um *panêdro*, — diz o mais velho, inflamado por perder.

—Pois sim, rala-te, e *astreve-te*, que é p'ra eu dizer ô pai, — argúe o outro, impando de satisfeito.

Desta vez o pião falha na jogada, corre no macadame impulsionado pelo longo cor-

del que se desenrolara, e vai acordar o cão faminto. O animal rosna, lamentando a perda do seu sono de pária, e devagarinho afasta-se, cabeça pendente de melancolia, os olhos inexpressivos, conformado já, ostentando toda a miséria na cauda pelada e no dorso chaguento onde se enumeram as vértebras.

O garoto mais novo, despeitado, porque a jogada lhe falhara, num ímpeto mau, apedreja aquele farrapo de animal que geme a sua dor e a sua desventura, correndo de perna no ar, a ganir, estrada abaixo, em procura sabe lá de quê! Já distante, uiva um lamento sentido, de focinho no ar, as costelas todas, que a sua magreza tornou salientes, em trabalho esforçado para despejar os pobres pulmões do cão vadio. E fica a olhar o céu pedrento, onde as nuvens se dispuseram numa vasta calçada de pedregulhos calcáreos, enormes, como êsses que se encontram nos pátios dos velhos solares.

O sol, o descomunal lampeão vermelho, caíra para detrás das montanhas, depois delas lhe terem auferido muito o seu manancial de luz donrada.

Avança o crepúsculo, povoando a estrada duma fila de carros, que veem dos trabalhos campestres. O seu rodar pesado e ruído, que os guizos das bestas medem a compasso, deixam repleta a tarde duma vida sã. Sã, mas triste. A tristeza paciente de quem não se revolta, e tanto mais interessante quanto mais um carreiro a traduz numa canção que ressoa ao longe com o rodar dos carros, com o guizalhar compassado, sobre os trigais:

Solidão, ai dão, ai dão...
Cá p'ra mim, quer sim quer não;
Vem-na morte leva a gente.
Quem não ha-de ter paixão?...

O *ai dão, ai dão*, imitando o eco da *solidão*, ecôa por sua vez, enchendo os ares duma nota grave, melancólica, repetida múltiplamente — soluços da tarde moribunda.

— «Arre mula, que te estoira a lombeira . . .»

E a mesma voz continua:

¿ Quem não ha-de ter paixão?
¿ Quem paixão não ha-de ter?
Solidão, ai dão, ai dão . . .
Serei firme até morrer . . .

E, de facto, tudo morre com o apagar-se do crepúsculo. Os ecos da planície diluíram-se na amplidão, quando o último carro, levando pendurados das trazeiras os dois garotos jogadores do pião, largou a estrada para entrar na cidade por uma rua estreita, tallada entre dois casebres brancos.

Para baixo, a grande planície ennegrecida, encurtada por assim dizer quando as nuvens de chuva a sombrearam; para cima, a cidade oculta detrás da muralha esboroadada, de torreões derrubados ou transformados em varandas de moradias particulares; ambas agonizam o seu esplendor de coisas velhas num último e longínquo alento do crepúsculo. Casas alvíssimas atarracadas, prolongando-se do antigo muro, parecem ter saído das fendas dêle, deploráveis de forma, e conservam ainda o ar esmagado de quem foi muito comprimido até para ali romper ao acaso. E ao acaso jazem, sem ordem nem beleza; altas ou baixas, grandes ou pequenas, elas agacham-se, amodorraram-se para o sono da noite, como estranhos animais cansados. A estrada de circunvalação abraça-as a todas num generoso amplexo; e cruzando a outra estrada (a que desce na planície) completa com ela um T gigantesco duma alvura notável — a única coisa nítida naquele começo de noite rnda.

Muito ao longe, na haste do grande T, uma sombra move-se, indo perder-se nas searas. E' o cão vadio. Pisa os torrões donde o trigo nasce numa penugem loira, afocinha no fundo dos regos, procurando algum osso de burro que o arado tivesse descortado. Procura, procura e por fim fica-se roendo num espinhaço sujo de terra e fedorento a carne que apodrece.

E' noite, finalmente, noite carrancuda, que espèzinha

tudo com o fatalismo da sua escuridão feróz, de pesadelo. Cai uma chuva miúdiinha como poeira, brandamente peneirada dos nimbos vaporosos. Há silêncio, o silêncio estúpido duma noite de chuva miúda. E mais estúpido ainda seria se um candieiro simples e primitivo, espécie de lampião de há dois séculos, não tornasse vaporosa a poeira que voga na atmosfera.

Pela estreita rua abaixo uma sombra hesita, em andamento dificultoso. Ao precipitar-se na luz, fica um homem alto, de pernas longas, de curto tronco, de cabeça pequenina em que o chapeirão muito largo dança como se pendurado no braço dum cabide. A alta figura reteza as pernas e imobiliza-se, parecendo mais alta ainda, uma criação gregóide querendo esgueirar-se para as nuvens. Mas não se esgueira; conserva-se hirta, estendendo um braço magro em gesto de autómato.

— «Dizem que eu sou alcoólico. Antes alcoólico do que ladrão!»

E completa o seu gesto, fazendo-o vago, enorme, mais valioso do que imita eloquência.

— «Dizem que eu sou alcoólico. Pois meu proveito! Cada bebedeira custa-me um dia de trabalho . . . Um dia? Um dia, não; dois é que são . . . Dois: um para a pagar e outro para a curtir».

E o gesto torna-se decidido, poderoso, irrevogável.

Abre-se a porta dum casebre e uma mulher gorda mete para dentro de casa, a pontapé, um rapazito que fazia bonecos de lama, sentado no chão, muito entretido. Dentro há berros violentos que a breve trecho sossegam.

O ébrio caminha cambaleante, numa difícil ginuástica de equilíbrio, até que escorega, indo estatelar-se na regueira da estrada e aí fica ressonando.

Um uivo, agudo como um silvo, desesperado como um gemido, em modulações, vem da planície, semelhante aos gritos trágicos que atribuem aos fantasmas.

A chuva torna-se mais forte. As nuvens já não peneiram; são dois os infelizes que elas fustigam com fúria.

BARBOSA SUEIRO.



NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

SIMPLES e despretenciosas «notas» dum curioso de coisas bibliográficas que à Grande Guerra dou o melhor da sua alma no sacrifício voluntário e consciente do seu sangue e do seu espírito, estes apontamentos toem o valor que eu lhes dou: um culto por aqueles que morreram pela Pátria e uma homenagem aos vivos que souberam sentir, e conservar, e mostrar igual culto pelos «mortos imortais».

Até aqui a razão e o fim principal destas «notas». Se, além disso, alguém encontrar nelas algum aproveitável elemento de estudo, algum valor documental ou bibliográfico, dobrada será a satisfação com que as publico.

Sobre bibliografia portuguesa da Grande Guerra apenas sei do consciencioso trabalho do Sr. Dr. António de Azevedo: «Elementos para a bibliografia médica da Grande Guerra», separata da *Medicina Contemporânea*, um folheto de 15 páginas (0,100 x 0,220), publicado em Lisboa em 1920 e impresso na Tipografia Adolfo de Mendonça. Citando esse repertório bibliográfico, deixo de incluir nestas «notas» as obras da especialidade quo dele constam.

Assim estes dois trabalhos, o meu e o do Sr. Dr. Azevedo, são as duas primeiras pedras do edifício da Bibliografia portuguesa da Grande Guerra.

NOTA.—Depois destas «notas» terem sido, em parte, publicadas no jornal *O Figueirense*, publicou o Sr. Nuno Beja, Alferes do Serviço da Administração Militar, um folheto de 39 páginas: «Esbôço duma bibliografia portuguesa da Grande Guerra». Infelizmente, porém, as informações bibliográficas desse folheto são muito resumidas, omissas e, por vezes, erradas, o que cerceia grandemente o valor ou alcance bibliográfico da obra.

* * *

Dividem-se estas «notas» em três partes: *Obras originais portuguesas*—*Traduções portuguesas*—*Obras estrangeiras impressas em Portugal*. A primeira parte subdivide-se em oito títulos: Livros (prosa); Livros (verso); Livros (teatro); Livros não especializados mas com referências ou elementos de estudo da Guerra; Obras técnicas (livros, folhetos, etc.); Revistas, jornais e outras publicações periódicas; Vária (fôlhas volantes, discursos, poesias, manifestos, programas, relatórios, etc.); Obras anunciadas ou projectadas, do que tenho conhecimento. A segunda parte subdivide-se em: I—Impressos em Portugal; II—Impressos no Estrangeiro. Quanto às *Obras estrangeiras impressas em Portugal*, julgo não valer a pena, pelo reduzido número que apurei, estabelecer subdivisões.

1.ª PARTE

Obras originais portuguesas

TÍTULO I

Livros (prosa)

- 1 *Alferes X.*—«15 dias na frente da batalha. Diário de campanha de um oficial em França. Impressões e curiosidades. Os portugueses na Guerra Europeia»—142 p., c. il. (0,080 x 0,140). *Empresa de Publicações Populares, Lisboa, 1918.*
- 2 *Almeida (António José de)*—«Em honra dos Soldados Desconhecidos. Discursos proferidos pelo Presidente da República Portuguesa, Dr. António José de Almeida, na sala e no átrio do Palácio do Congresso, em 7 d'Abril de 1921»—folh. 27 p. (0,200 x 0,280), *Imprensa Nacional, Lisboa, 1921.*
- 3 *Almeida d'Eça (Vicente de Moura Coutinho d')*—(Vice-Almirante, lente da Escola Naval)—«Os filhos da Escola Naval na Grande Guerra. Discurso proferido em 2 do Outubro de 1919»—folh. 20 p. (0,109 x 0,183), *Imprensa Nacional, Lisboa, 1919.*
- 4 *Almeida (Humberto Augusto d')*—(Tenente miliciano de Infantaria)—«Memórias dum expedicionário a França. Com a 2.ª Brigada de Infantaria. 1917-1918»—181 p. (0,082 x 0,128), *Tip. Sequeira, Porto, 1919.*
- 5 *Almeida (Mário d')*—«O Clarão da Epopeia. Impressões da Guerra»—249 p. c. il. (0,080 x 0,130), *Portugália-Editora, Lisboa, 1919.*
- 6 *Amaral (Manuel Augusto do)*—«A Guerra»—96 p., *Sociedade Tipográfica Angra, Angra do Heroísmo, 1919, edição da Livraria Andrade, Angra.*
- 7 *Araújo (Umberto)*—(Alferes do Serviço da Administração Militar)—«Novos do Portugal. Allocção proferida aos soldados do 2.º Grupo de Administração Militar no dia da ratificação do juramento de bandeira. 1918»—folh. 7 p. (0,127 x 0,198), *Tip. Lousanense, Lousan, 1918. Com a dedicatória: «A todos os filhos da raça latina. A todos os grandes heróis da imortal França».*
- 8 *Aresta (Eugénio Rodrigues)*—(Capitão de Infantaria)—«A Guerra de sempre. Novela dum soldado»—238 p. (0,090 x 0,140), *Tip. Lusitana, Valongo, s. d., edição do Autor.*

(Continua).



A EDUCAÇÃO FÍSICA NO EXÉRCITO

O QUE É

o Conselho Director de Educação Física :: do Campo Entrincheirado de Lisboa ::

E O QUE PRETENDE REALIZAR

ESTÁ na ordem do dia, pode dizer-se, o assunto da Educação Física no Exército. As conferências do Capitão sr. Fernando Ayala e Tenente Henrique Galvão, conseguiram despertar, por intermédio da imprensa, uma boa parte da opinião pública.

Ultimamente, mais duas se realizaram na Escola Militar de Lisboa: a do ilustre oficial de Marinha sr. Capitão-Tenente Murinelo, do Serviço de Torpedos Fixos, e a do Ex.^{mo} Sr. Capitão-médico miliciano, actualmente contratado do mesmo Serviço sr. Dr. Ilídio de Vasconcelos, ambos inegáveis competências nos assuntos de que se ocuparam.

O sr. Capitão-Tenente Murinelo, que documentou o seu trabalho com esplêndidos gráficos, desenvolveu os seguintes pontos:

A—Forma por que estão organizados os serviços de Educação Física no Campo Entrincheirado de Lisboa e origens dessa organização.

B—Como se encontram actualmente aqueles serviços e como se esperava que estivessem.

C—Condições de eficiência e dificuldades a vencer:

a) direcção, fiscalização, apuramento de resultados, colheita de ensinamentos e modificações a introduzir no método aplicado;

b) o problema médico;

c) cooperação e auxílio dos comandantes e de todos os oficiais;

d) o pessoal instrutor (oficiais e sargentos);

e) as exigências regulamentares e burocráticas;

f) auxílio das entidades superiores.

D—Considerações finais.

O primeiro destes pontos historia-o assim o conferente:

«Tendo sido nomeado adjunto do S. T. F. e interessando-me vivamente todos os assuntos que respeitam à Educação Física, ofereci-me, pouco tempo depois de ali estar, para dirigir a instrução de gymnástica, jogos e natção das praças da

Companhia de Torpedeiros. Sua Ex.^a o sr. Comandante do S. T. F. concordou com o plano proposto, que era:

a) preparação em número suficiente de sargentos para servirem como monitores na Escola de Recrutas seguinte;

b) mensuração e observação médica dos recrutas;

c) adaptação a gymnásio duma das dependências do Serviço;

d) aplicação na gymnástica do método de Ling e vários jogos colectivos, progressivamente de maior cooperação e disciplina até chegar ao *Football-association*.

Iniciaram-se em seguida as diligências necessárias, por intermédio de Sua Ex.^a o General Governador (então o Ex.^{mo} Sr. General Côrte-Real) para que o Ministério da Guerra autorizasse a classificação de monitores de gymnástica e concedesse garantias idênticas às dos cursos análogos, realizados em 1914 em Lisboa e Porto, aos sargentos que frequentassem e fôsem apurados num curso a êste efeito destinado, o que se conseguiu, iniciando-se os respectivos trabalhos em 31 de Julho de 1916.

Ao mesmo tempo vários oficiais do S. T. F., entre êles o Ex.^{mo} Sr. Capitão Passos (hoje Coronel), começaram, com o maior entusiasmo e tenacidade, praticando gymnástica, o que deu como resultado, quando o sr. Capitão Passos foi promovido e colocado no 2.^o B. A. C., iniciar êste senhor as *démarches* necessárias para o funcionamento de um curso de sargentos-monitores para o seu Batalhão.

O Ex.^{mo} Sr. Major Garção (hoje Coronel), correspondendo à propaganda em prol da Educação Física que o Ex.^{mo} Sr. Comandante do S. T. F. ia fazendo, pretendeu também que sargentos do grupo que comandava frequentassem aquele curso, ao findar o qual tínhamos os monitores necessários para a C. T., as 7 companhias do 2.^o B. A. C. e para 3 do 1.^o B. A. C.

As provas finais deste 2.º curso de monitores, realizadas em Março de 1919, assistiram S. Ex.^a o General Governador, já então o Ex.^{mo} Sr. General Silveira, tendo a instrução da Educação Física com este facto a fortuna de lhe conseguir o incitamento e grande auxílio que a valorizaram, desenvolvendo-a e aperfeiçoando-a.

Sua Ex.^a determinou que se estabelecesse um plano para a aplicação da E. F. a todas as unidades do seu comando, em harmonia com o método a cujas provas havia assistido. O plano apresentado a Sua Ex.^a o G. G., por ele aprovado e pôsto em execução, depois de autorizado pelo Ministério da Guerra, compreendia:

1.º — Constituição dum Conselho Director de Educação Física.

2.º — Criação duma escola para pessoal instrutor (oficiais e sargentos).

3.º — Instalação de um Gabinete de Estudos.

4.º — Construção de Ginásios e campos de jogos nos vários núcleos de instrução.»

O Conselho Director está constituído e tem a sua sede no S. T. F.

A Escola funcionou até 1920 só para sargentos e desta data em diante também para oficiais, tendo preparado: 6 oficiais-instrutores, dos quais um ainda em tirocínio, e 50 sargentos-monitores; pessoal de que apenas existe actualmente em serviço no campo 4 oficiais (um dos quais em tirocínio) e 24 sargentos.

O Gabinete de Estudo devia compreender as seguintes secções:

a) anatomia e antropometria;

b) fisiologia e psico-patologia especial dos anormais que veem às fileiras;

c) fotografia e cinematografia;

d) desenho;

e) estatística e arquivo.

A falta de verba reduziu este Gabinete às secções de *antropometria, estatística e arquivo*, sendo ainda os respectivos trabalhos realizados com o mínimo de despesa e de pessoal, não podendo ter, portanto, o desenvolvimento de que careciam.

Nos vários núcleos de instrução há os seguintes ginásios: 1 no S. T. F., 1 na Medrosa, 1 na Trafaria e outro em Cascais.

Além destes ginásios há vários espaldares, vigas e bancos em diferentes unidades que se encontram afastadas daqueles núcleos de instrução. Campo de jogos só existe 1, e mau, no S. T. F. (Paço de Arcos).

* *

O Conselho Director orientou e efectivou o problema da Educação Física no C. E. L., da seguinte forma:

1.º — Mensurações antropométricas e observações médicas de todos os recrutas, no início e no fim da prática de gymnástica e dos jogos.

2.º — Prática de gymnástica e de jogos por todos os recrutas. Realização anual de provas práticas demonstrativas e de propaganda.

3.º — Realização anual de Campeonatos de

«Foot-ball-association» e de «Basket-ball» entre as várias unidades do Campo.

As mensurações antropométricas e observações médicas são escrituradas em «Boletins» individuais, obedecendo aos seguintes fins:

1.º — Indicações sobre os exercícios de gymnástica a aplicar e apreciação dos resultados da prática daqueles exercícios.

2.º — Distribuição do pessoal apurado pelas Juntas médicas militares em harmonia com os serviços especiais das várias unidades.

3.º — Subsídios para o estudo das características da Raça.

4.º — Indicações necessárias ao fundamento de uma companhia especial destinada à educação, modificação de carácter e melhor aproveitamento dos delinquentes patológicos, que veem em grande número ao exército.

5.º — Subsídios para um processo auxiliar de identificação militar.

O Conselho Director considerou o problema de Educação Física «como tendo um papel preponderante não só na formação física e moral do soldado como também na do exército e ainda na da própria Nação.»

E o critério com que nesse sentido tem desenvolvido a sua acção patriótica só merece louvores.

* *

Um facto bastante curioso e muito para notar, neste momento em que tanto se fala nas virtudes da Escola de *Joinville-le-Pont*, é o que nos aponta, como segue, o sr. Capitão-Tenente Murinelo:

«... às provas finais de gymnástica e jogos de vários contingentes de recrutas tem assistido alguns Ex.^{mos} Srs. Ministros da Guerra, Directores Gerais do M. G., oficiais generais, superiores e subalternos.

«Todos tem manifestado o seu aplauso e tanto os Ex.^{mos} Srs. Ministros como os Ex.^{mos} Srs. Directores Gerais prometido o seu auxílio e decidido apoio.

«Aos Ex.^{mos} Srs. Adidos militares Brasileiro, Francês e Espanhol foram mostrados os nossos trabalhos e, conforme as ordens de Sua Ex.^a o General Governador, foram distribuídos àqueles senhores alguns «Boletins».

«Todos se mostraram interessados pelo assunto, sobretudo os Ex.^{mos} Srs. Adidos Francês e Espanhol, que solicitaram informações e esclarecimentos que S. Ex.^a o G. G. autorizou.

«... algum tempo depois da visita do Ex.^{mo} Sr. Adido Militar Espanhol aos nossos trabalhos, publicaram os jornais notícias sobre a organização da Educação Física no Exército Espanhol e por elas se via que essa organização obedecia aos moldes em vigor no Campo Entrincheirado de Lisboa.»

Num dos próximos números nos referiremos à cooperação médica na Educação Física desde a escola primária, fixando as doutas considerações do Dr. A. de Vasconcelos.

M. M.



CARTA DE PARIS

“LE BAISER AU LÉPREUX”

Por FRANÇOIS MAURIAC

A CABEI de jantar. A chuva, eterna e fina, que ergueu o nível do Sena às grossas botas do zuavo d'Alma, continua a bailar na minha rua. A chuva de Paris, interminável rosário húmido que lenta mão desfia, traz-me sempre a nostalgia do sol português e a febre das nossas paisagens claras.

Mal são oito da noite e já eu, perplexo, farejando encharcadelas, amaldiçoando um doce convite — «à 10 h. juste, mon cher» — me afundei na poltrona, cortando as folhas ao livro que comprara. Mais um volume dos *Cahiers Verts* editados por Grasset, que nêles incluíra o enternecedor *Maria Chapdelaine*. Intitula-se *Le baiser au lépreux*, e nada sei do autor, François Mauriac. Encetei-o com o banal objectivo de fazer tempo. Persuadi-me que ia apenas atulhar o cérebro de insípida quanto filosófica dissertação. Enganei-me e nunca ilusão sofreu mais grato choque.

Le baiser au lépreux é simplesmente um livrinho admirável, de linguagem donairoza e acção pungente. E' um conto de amor torcido por angústias, afogado, varrido, imolado, pela responsabilidade da natureza.

Comoveu-me êle a mim, meridional de coração, e não me pejo de confessá-lo.

Ainda sou dos que preferem às obras da quimera inaudita uma dúzia de páginas sinceras, fulgurantes de talento probo. A arte é tanto mais pura quanto mais clara de forma e deslumbrante de sentimentos. Explicar o enredo, como sei mal? Aí vai:

Numa vilória landesa, prenhe de luz e perfumada de resina, Jean Peylouère é a mofa das gentes, com seus ademanos de corcunda enfêzado, seu corpito em dobras, seu rosto feio de quatro pêlos e rubro nariz. Joguete das iras paternas (que Pai, santo Deus, roído de males, praguejador estridente!) o pobre aleijão vive num perpétuo susto de ofensa, esgueira-se contra os muros, roga acolhida aos pinheirais e aos campos, onde por fim, em paz, mastiga solilóquios, revoadas de leituras queridas. Passou a mocidade escorraçado e, no entanto, oh ironia!, foi esta a quadra mais leve da sua vida. Corrido à surriada pelos rapazelhos, olhado com dó pelos vizinhos, amordaçado em casa pela estupenda cólera do pai, soube, a-pesar-de tudo, êle, Jean Peylouère, construir uma capela íntima de sonho, estucar a alma de grandeza. ¿Que lhe importavam o es-

cárneo e a brutalidade? O misero julgava-se feliz interpretando os pacíficos e doces mistérios da natureza.

Foi então que o casaram. Urdiu-o o metucioso pároco, urdiu-o a sogra, urdiu-o o pai, urdiram-no muitos, êste cómico casamento, menos êle e a sãdia, apetitosa Noëmi, a formosura do lugar, com quem uniu a asquerosa fealdade. Nas terras pequenas, sobretudo em França, é extrema a fascinação da abastança, e os Peylouères eram ricos. Jean recusou-se, barafustou, gemeu do horror que antevia. Noëmi, carne passiva, julgou que sem enfado seria espôsa resignada. Casaram.

E nos olhos dum mocetão, que à passagem do cortejo rosou: «Que lástima!», Jean Peylouère sentiu sangrar-lhe o coração. Muito mais teria de sangrar. Começou aqui o drama.

Em preciosos, dolorosos capítulos F. Mauriac o conta. Não sou eu quem pode expor os mil lances dêsse calvário, desde as fugas do pobre, às lutas da intimidade conjugal, Noëmi enojada e piedosa, sacrificando-se, Jean, ora levado pela cobiça lasciva, ora escouçado pela verdade, repellido o holocausto. Não pretendo causar a sensação de infinita misericórdia, de palpitante mágoa, que tive, ao ler. O longo martírio suga a vida ao desgraçado, a saúde à mulher. E Noëmi, que a princípio indica astúcia, realiza, através dêle, a santidade humana.

Jean morre tuberculoso, sorvendo o agro fel de assistir às pretensões sensuais do médico sobre a companheira.

Vai para a morte com mais uma lançada. A viuvez de Noëmi é pura. Desfaz a tentação do amor e vota-se à muda glorificação do marido, assassinado pelo contraste da suma fealdade e da capitosa beleza. Atinge alturas. Eis o epílogo da triste narração. Leio as últimas linhas de olhos embaciados, as que esboçam um pinheiro bravo, quasi sêco, torcido em esgares, mixto de gargalhada e uivo, lamentosamente, comovedoramente, parecido com Jean Peylouère.

Fico pensando, esqueço-me, não saio, e assim evito futilíssimos sorrisos, graciosos meneios, «pouffs» de seda berrante, versos de Cocteau e esgalgados frasquinhos de «Un jour viendra». Bemdita chuva!

(Ilust. de Bernardo Marques)

NUNO VALENÇA.

O LOUCO AMOR

ORIGINAL DE
RAMÓN MARIA TENREIRO

NOVELA

VERSÃO DE
FIDELINO DE FIGUEIREDO

TRADUZIDA EXPRESSAMENTE PARA A "ALMA NOVA"

COM ILUSTRAÇÕES DE SAAVEDRA MACHADO

(CONTINUAÇÃO)

ARENEGO! Que pastas, que pandorgas! Não servis para nada!
E acrescentou, dirigindo-se a D. Indalécio:
— Estas raparigas de agora não são como as de outros tempos. Ha-de notar a diferença, senhor.
O interpelado, por muita que fôsse a sua preocupação ou a sua pena, não perdia ocasião de afiar uma chalça maliciosa, e respondeu com sorna:

— Quanto a mim, já não sei como são agora as raparigas. Meus olhos estão velhos e já não distinguem nem penetram nada.

— Bah! Deixe-se de contos, senhor! Se fôsse ocasião para lérias, já lhe diria o que no povo se sabe das suas manhas.

— Calúnias! Quem está livre de uma má língua! Olhe, Maria Antónia, o melhor seria que me desse um copo de vinho para tirar da garganta o pó do caminho.

— Ave-Maria, senhor! Quanto peça.

E trouxe-lhe o vinho. D. Indalécio bebeu o copo de um só trago. Depois pigarreou levemente com uma careta.

— Este vinho — sentencionou com gravidade — sabe a couro velho, não sei se pelo que o conteve se pela que o serviu. As raparigas, que descascavam batatas no outro extremo da mesa, soltaram uma grande gargalhada.

— Silêncio, démos! — grunhiu a velha, e foi mexer as panelas.

Porém voltou depressa. Recolhendo com a mão esquerda, sobre a grossa anca, a ponta do lado oposto do seu não mui limpo avental de cozinha, plantou-se diante de D. Indalécio:

— Diga-me, senhor... Vocemecê há-de sabê-lo: D. Gaspar não alterou o testamento depois de casado?

Toda a sua redonda face gordurosa brilhava, incendiada pela curiosidade. O malicioso homem gozou com contemplá-la um momento:

— Não sei... não sei...

— E portanto, não vai ficar nada a Generosa? Olhe que ter casado para isso!

— Ah! gosto disso. Com que então devia-se casar para herdar? Belo coração você tem! O marido já lhe deu quanto tinha que dar-lhe. Muito minito... muito carinhosozinho...

— Tire-se lá! Um velho.

— Velho e tudo, a ninguém lhe faz ascos um marido.

— Se ela se tivesse casado com quem tinha na vontade! Era operária e pobre, isso sim, mas em bonita não havia quem lhe ganhasse. E agora... desde que se casou, foi murchando toda... Se nem parece a mesma!

— Isso é do amor... Pode ser que esteja...

— Sim, há-de estar, senhor! Se foi um casamento disparatado. Não houve mais dia bom desde o tal casamento... O que se diz dia bom... Ao senhor deu-lhe em incharem-lhe as pernas, e dali a pouco já não podia dar um passo sem se fatigar. Faz pelo menos seis meses que já não dormia na cama. Passava as noites em uma poltrona, e a pobre bendita de Deus também não descansava. Tudo era: «Generosa, abre a janela que sufoco. Generosa, fecha a janela que me resfrio. Dá-me o remédio. Põe-me bem as almofadas.» Chegou a ter umas pernas que metiam mesmo medo. E deitavam uma água!... Lá isso, ela cuidou-o como uma santa. A pobre chegou a senhora, mas bem lhe tem custado. E se agora vai ficar sem nada!

— Não, mulher. Sempre terá o usufruto de viúva.

— E isso que é?

— A metade de tudo, enquanto viva.

— E a outra metade, para o Jaiminho?

— Isso mesmo.

— Não sei o que resultará daqui. Ele não a pode ver.

— Pois se é cego.

— Não é isso, senhor; de sohra sabe o que quero dizer. Quando o amo se casou, o filho quis sair de casa. Houve uns desgostos! Claro está. A Jaiminho aconselhava-o aquela bruxa da Filomena, que não podia ver que outra viesse ocupar o seu lugar.

— O seu lugar! Mas estavam casados?

— Bom, senhor. Casados, não. Mas ela até então não havia perdido as esperanças.

— Nunca soube tal.

— Nunca soube tal! O que o senhor não sabe é voar. E depois do casamento continuaram os desgostos. Jaiminho fazia cada desfeita à madrastra!... O senhor nunca pôde conseguir que lhe falasse com estima. E ela não podia ser melhor para ele. Nem que fôsse sua irmã.

D. Indalécio tinha deixado de atender.

Pelos corredores ressoava um rumor de passos precipitados.

Levantou-se, saiu da cozinha. As aldeãs da escada e das ante-salas queriam iniciar o seu pranto funeral.

— Calem-se, calem-se — foi ordenando enérgicamente, e entrou no tenebroso salão.

Todos os assistentes se agrupavam à porta da alcova, donde retumbava a solene voz do cura ao entoar a encomendação da alma. A sua negra figura parecia encher o quarto. Generosa, ao seu lado, cerrava os olhos do cadáver, cruzava-lhe as mãos; porém fazia tudo como mecânicamente, sem um soluço, sem uma lágrima. Oprimida pela excessiva fadiga, que tirava toda a expressão ao seu semblante, mal compreendia o que se estava passando.

O cego, no seu canto, aos pés da cama, sacudido por mudos soluços, estremecia de horror ante o impenetrável mistério da morte.

(Continua).

ANÚNCIO ECONÓMICO

ATÉ 20 PALAVRAS, 5\$00
CADA PALAVRA A MAIS
::: 50 CENTAVOS :::

POR PALAVRAS

ARTE

Desenho de cartazes, anúncios, capas de livros e todo o trabalho de ilustrações, executa-se na "Ressurgimento, L.^{da}"—C. João do Rio, 8-1.º—LISBOA.

IMPRESSÃO

de livros e trabalhos comerciais, faz-se por intermédio da "Alma Nova".

V. EX.^a DEVE ANUNCIAR

NA

"ALMA NOVA"

::: REVISTA :::

DE

RESSURGIMENTO

A MAIS LIDA
NA
PROVÍNCIA

LIVROS

USADOS.
Vendem-se
5 grossos
volumes do

"Curso de Matemática"
de Francisco Gomes Teixeira. Edição de luxo: 200\$00.
Nesta redacção se diz.

PIANOS

G. Bechstein
Rud. Jbach Sohn
Gebr. Zimmermann, A.-G.

Verticais, de cauda e de concêrto. Música nacional e estrangeira

J. HELIODORO D'OLIVEIRA: Praça D. Pedro, 56, 57 e 58 — LISBOA Telef. Norte 3660

Leia as edições da

EMPRESA DE ARTE E PUBLICIDADE
::: "RESSURGIMENTO" :::

MATEUS MORENO:

Minha Pátria, poemas, 2.^a edição (no prelo) 1\$00
De Portugal à Flandres, (cartas da Guerra) 1\$00
Sinfonia macabra, (Máximas da Kultur), edição definit., com il. de R. Nobre 1\$00
Sangue d'epopeia, (A Artilharia Portuguesa na Flandres) 1 volume ilustrado 4\$00

LUÍS CALADO NUNES:

Odes de Anacreonte 2\$50

REBELO DE BETTENCOURT:

Cantigas, 2.^a edição, refundida :- 2\$50
Arte, artistas e perfis \$50

: Remessas franco porte :

PARA TODO O PAÍS

Para colónias e estrangeiro acresce o porte

BREVEMENTE:

Eça de Queiroz, na vida e na morte, revelações íntimas, por D. Conceição d'Eça de Melo.

FAÇA-SE SÓCIO DA

"União Central de Abastecimentos"

(A mais forte Cooperativa do país)

por intermédio da "ALMA NOVA"

: Manuel dos Santos Grifo :

Fabricante de Confecções COVILHÃ

TODOS OS QUE PREZAM
A ECONOMIA
NÃO DEVEM COMPRAR
FAZENDAS DE LÃ
SEM PRIMEIRO
CONFRONTAREM OS
PREÇOS DESTA CASA

::: ENVIAM-SE AMOSTRAS :::
PARA TODO O PAÍS E COLÓNIAS

Director Literário e Gerente :

: : Mateus Moreno : :

Director Artístico :

J. Saavedra Machado

ALMA NOVA

Secretaria Geral :

Rebello de Belfencourt

REDACÇÃO :

: C. João do Rio, 8-1.º :

: : LISBOA : :

:: PROGRAMA ::

Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas

DIRECTORES DE SECÇÃO

Dr. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Braga Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero e Martinho da Fonseca (Pintura); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Murta (Letras); Dr. José Gonçalo Santa Rita (Crónica Política e Social, e Colónias); J. Rodrigues Cosme (Teatros); Luis Chaves (Trás-os-Montes); M. A. (Modas); Newton de Macedo (Filosofia); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Jüdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

Representantes e Agentes nas principais cidades do País, Colónias e Brasil

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Trimestre (3 n.ºs) 3\$00; Semestre (6 n.ºs) 5\$50; Ano (12 n.ºs)	10\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	15\$00
Restantes países (idem)	20\$00

NÚMERO AVULSO, 1 ESCUDO (MIL RÉIS)

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorarem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos periodos pelos quais as mesmas são tomadas.

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento."

III SERIE—N.ºs 7 a 9 : : SETEMBRO de 1923

:: SUMÁRIO ::

<i>O Poeta Guerra Junqueiro</i>	89	<i>Cabeça Castelhana</i> (bronze), escultura de José Planes	103
<i>Sciência e Filosofia</i> , por João José Gomes	90	<i>De Coimbra</i> , por Nuno Cruz, com ill. do autor	104
<i>Dê-se Consciência à Nação: «O Problema máximo»</i> , por A. Reis Machado	91	<i>Um livro notável: «O Desenho e as mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo»</i> ; «Saavedra Machado e o seu estudo», por Arlindo Camillo Monteiro	106
<i>Crónica Política e Social: «Crianças anormais»</i> , por Vitor Fontes	93	<i>Caricatura: «J. Saavedra Machado»</i> , por F. Valença	107
<i>Questões de Pedagogia Especial: «A leitura labial e as pessoas surdas»</i> , pelo professor de ortofonia, Cruz Filipe	95	<i>Cruz Magalhães</i> , des. de António Carneiro	108
<i>Estudo</i> , des. de Mily Possoz	97	<i>O Inverosímil: «Conferência proibida»</i> , por Lorde Pechincha de Nadavale	109
<i>João Rosado</i> , por Carlos Porfírio	98	<i>Notas subsidiárias para uma bibliografia Portuguesa da Grande Guerra</i> (continuação), pelo tenente José Brandão	113
<i>A mulher portuguesa: «III — A mulher do Alentejo»</i> , por Luis Chaves (ill. de B. Marques)	99	<i>O Louco Amor</i> , «novela», versão de Fidelino Figueiredo	114
<i>Móças de Portugal</i> , versos de Mateus Moreno, com 1 ill. de Martinho da Fonseca	102	<i>Balanco mensal: «Literatura, Ciências e Artes»</i> , por Mateus Moreno	116
<i>Um Escultor Espanhol: «José Planes»</i> , por Gastão de Belfencourt	103		

Em separata: "O Campino", desenho inédito de Rafael Bordalo

: : Capa de SAAVEDRA MACHADO : :

Gravuras de A ILUSTRADORA, Lda e PIRES MARINHO.

Tipografia MINERVA—V.º N.º de Peralta

: : Aceitam-se anúncios para o Número do Natal : :